

INTEGRAÇÃO DO SABER E DO CUIDAR: ENFERMAGEM EM REFLEXÃO

Organizadores

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Josemberg Pereira Amaro

João Wesley da Silva Galvão

Alana Rocha Tomaz de Souza

Volume 1



INTEGRAÇÃO DO SABER E DO CUIDAR: ENFERMAGEM EM REFLEXÃO

Organizadores

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Josemberg Pereira Amaro

João Wesley da Silva Galvão

Alana Rocha Tomaz de Souza

Volume 1



Editora Omnis Scientia

INTEGRAÇÃO DO SABER E DO CUIDAR: ENFERMAGEM EM REFLEXÃO

Volume 1

1ª Edição

RECIFE - PE

2025

Editor-Chefe

Dr. Daniel Luís Viana Cruz

Organizadores

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Josemberg Pereira Amaro

João Wesley da Silva Galvão

Alana Rocha Tomaz de Souza

Conselho Editorial

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho – ESS-UTAD – Portugal

Dr. Cássio Brancaleone – UFFS – Brasil

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva – UEPa – Brasil

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão – UPE – Brasil

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Wendel José Teles Pontes – UFPE – Brasil

Editores de Área - Ciências da Saúde

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dra. Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dr. Marcio Luiz Lima Taga

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Canva e Freepik

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores



**Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.**

**O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e
confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

I68 Integração do saber e do cuidar : enfermagem em reflexão :
volume 1 [recurso eletrônico] / organizadores José
Erivelton de Souza Maciel Ferreira ... [et al.]. — 1.
ed. — Recife : Omnis Scientia, 2025.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6036-732-6

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6

1. Enfermagem - Prática. 2. Serviços de enfermagem.
3. Enfermagem Assistencial. 4. Profissionais da área da
saúde - Formação. I. Ferreira, José Erivelton de Souza
Maciel. II. Amaro, Josemberg Pereira. III. Galvão,
João Wesley da Silva. IV. Souza, Alana Rocha Tomaz de.

CDD23: 610.73

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Editora Omnis Scientia

Av. República do Líbano, nº 251, Sala 2205, Torre A,

Bairro Pina, CEP 51.110-160, Recife-PE.

Telefone: +55 87 99914-6495

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

Eu, Erivelton Maciel, junto aos colaboradores Josemberg Amaro, João Wesley e Alana Rocha, temos o prazer de apresentar esta coletânea, fruto de um trabalho colaborativo e interdisciplinar, que reúne reflexões e contribuições fundamentais para o avanço da enfermagem e da assistência à saúde. Esta obra foi construída com o propósito de estimular novas reflexões e aprofundar debates sobre temas de grande relevância na prática e no ensino de enfermagem.

Composta por capítulos de livro, textos reflexivos e editoriais, esta coletânea reflete o esforço conjunto de alunos da Uniasselvi, em parceria com pesquisadores e iniciantes científicos de universidades federais, estaduais e outras instituições de ensino superior. Cada manuscrito apresenta uma abordagem única e detalhada, propondo um diálogo enriquecedor entre a teoria e a prática.

Os capítulos trazem discussões essenciais, como:

- A contribuição da assistência emocional no pré-parto para um trabalho de parto mais tranquilo, que aborda o impacto do cuidado emocional na experiência obstétrica;
- Cuidados holísticos de enfermagem na gestão da dor crônica: uma revisão crítica da literatura, que evidencia a importância de abordagens integradas no manejo da dor.

Os textos reflexivos ampliam a compreensão sobre temas como formação profissional e autocuidado:

- A relevância da coleta de dados na formação de enfermeiros: caminhos para um cuidado eficaz;
- Reconstruindo vidas: a abordagem holística na reabilitação do idoso diabético amputado;
- Contribuições da visita de enfermagem no processo de reabilitação de pacientes amputados: cuidados e autocuidado;
- Reforçando a importância da assistência holística de enfermagem no tratamento de estomaterapia: uma abordagem integral para o bem-estar do paciente.

Já os editoriais proporcionam reflexões críticas sobre os desafios e avanços no cuidado em saúde:

- A integração de cuidados emocionais no atendimento de enfermagem;
- Ainda é fundamental refletir sobre as infecções relacionadas à assistência à saúde;
- Contaminação ambiental e baixa segurança no trabalho: uma relação perigosa;
- Cuidado paliativo domiciliar: um enfoque holístico e multidisciplinar para a qualidade de vida do paciente a partir do processo de enfermagem.

Esperamos que esta coletânea, tão necessária em seu conteúdo e propósito, inspire profissionais, acadêmicos e estudantes a repensar práticas, construir novos saberes e buscar continuamente a excelência no cuidado à saúde.

Com grande satisfação, informamos que um dos capítulos deste livro, intitulado “A contribuição da assistência emocional no pré-parto para um trabalho de parto mais tranquilo”, foi premiado com menção honrosa. Este reconhecimento destaca a relevância do tema abordado, que discute a importância da assistência emocional durante o período gestacional, com foco no impacto positivo que ela pode ter sobre a experiência do trabalho de parto.

Que este livro seja um convite à transformação e ao aperfeiçoamento do cuidado humano e holístico.



José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente da UNIASSELVI FADESC – Fortaleza-CE

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB

IDENTIFICAÇÃO DOS ORGANIZADORES

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Enfermeiro pela UNILAB, Ceará.

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Mestre e Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

Servidor da Secretaria Estadual de Saúde do Ceará, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

Josemberg Pereira Amaro

Enfermeiro pela UNILAB, Ceará.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0945-6066>

João Wesley da Silva Galvão

Enfermeiro pela UNILAB, Ceará.

LATTES: <https://orcid.org/0009-0007-6967-8329>

Alana Rocha Tomaz de Souza

Enfermeira pela UNILAB, Ceará.

Residente em Obstetrícia pela UECE.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6882-0046>

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....14

A CONTRIBUIÇÃO DA ASSISTÊNCIA EMOCIONAL NO PRÉ-PARTO PARA UM TRABALHO DE PARTO MAIS TRANQUILO

Jéslia Agostinho Moreira

Thays Maia Silva

Thais Rodrigues de Sousa

Emanuella Silva de Melo

Sara do Nascimento Cavalcante

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/14-23

CAPÍTULO 2.....24

CUIDADOS HOLÍSTICOS DE ENFERMAGEM NA GESTÃO DA DOR CRÔNICA: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA

Francisca Josilene Soares de Souza

Maria Vitória Sousa Silva

Maria Adriana Martins e Silva

Maria Geângela da Silva Oliveira

Sara do Nascimento Cavalcante

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Maria do Rosário Alves Pinto

Lara de Sousa Moreira

Denise Regina Vaz Pereira

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/24-31

CAPÍTULO 3.....32

A RELEVÂNCIA DA COLETA DE DADOS NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS: CAMINHOS PARA UM CUIDADO EFICAZ

Kelly Matos de Freitas Rocha

Iana Inácio da Silva

Francisca Iana Silva

Thiego Ramon Soares

Joelita de Alencar Fonseca Santos

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/32-36

CAPÍTULO 4.....37

**RECONSTRUINDO VIDAS: A ABORDAGEM HOLÍSTICA NA REABILITAÇÃO DO IDOSO
DIABÉTICO AMPUTADO**

Francisca Evilene Belarmino Simplicio

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Igo Borges dos Santos

Sara do Nascimento Cavalcante

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/37-41

CAPÍTULO 5.....42

**CONTRIBUIÇÕES DA VISITA DE ENFERMAGEM NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO
DE PACIENTES AMPUTADOS: CUIDADOS E AUTOCUIDADO**

Lurdes Maria de lima

Bianca Da Silva Almeida

Ana Clara Lima

Francisco Leonardo Freitas da Silva

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/42-45

CAPÍTULO 6.....46

**REFORÇANDO A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA HOLÍSTICA DE ENFERMAGEM NO
TRATAMENTO DE ESTOMATERAPIA: UMA ABORDAGEM INTEGRAL PARA O BEM-
ESTAR DO PACIENTE**

Maria Luciene Perreira Braga

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Joelita de Alencar Fonseca Santos

Emanuella Silva de Melo

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/46-49

CAPÍTULO 7.....50

A INTEGRAÇÃO DE CUIDADOS EMOCIONAIS NO ATENDIMENTO DE ENFERMAGEM

Cristina de Oliveira Ehrenberg

Fernanda Moreira Lima Vieira

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Vitória Maria Correia Maia

Maria Geângela da Silva Oliveira

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/50-54

CAPÍTULO 8.....55

AINDA É FUNDAMENTAL REFLETIR SOBRE AS INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Sarah Raquel Jucá Barbosa

Rafaela de Fátima Mendes dos Santos

Thais Magalhães Rodrigues

Camila da Silva Gomes

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/55-58

CAPÍTULO 9.....59

CONTAMINAÇÃO AMBIENTAL E BAIXA SEGURANÇA NO TRABALHO: UMA RELAÇÃO PERIGOSA

Francisca Evilene Belarmino Simplicio

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Fernanda Moreira Lima Vieira

Maria Eliane Alves de Sousa

Cristina de Oliveira Ehrenberg

Williane Morais de Jesus Gazos

Fernanda Clara da Silva Ribeiro

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/59-64

CAPÍTULO 10.....65

**CUIDADO PALIATIVO DOMICILIAR: UM ENFOQUE HOLÍSTICO E MULTIDISCIPLINAR
PARA A QUALIDADE DE VIDA DO PACIENTE A PARTIR DO PROCESSO DE
ENFERMAGEM**

Joelia Lopes da Silva

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Fabiana Freire Anastacio

Dara Cesario Oliveira

Fernanda Clara da Silva Ribeiro

DOI: 10.47094/978-65-6036-732-6/65-70

A CONTRIBUIÇÃO DA ASSISTÊNCIA EMOCIONAL NO PRÉ-PARTO PARA UM TRABALHO DE PARTO MAIS TRANQUILO

Jéslia Agostinho Moreira

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Thays Maia Silva

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Thais Rodrigues de Sousa

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Emanuella Silva de Melo

Mestranda em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://lattes.cnpq.br/0000047849296300>

Sara do Nascimento Cavalcante

Mestrado em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3565-2151>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

RESUMO: Introdução: A assistência de enfermagem no primeiro estágio do trabalho de parto desempenha um papel central na promoção de um ambiente seguro, confortável e humanizado para a parturiente e seus familiares. **Objetivo:** Analisar as intervenções específicas de enfermagem no primeiro estágio do trabalho de parto. **Método:** Estudo bibliográfico, com delineamento bibliográfico, exploratório e descritivo, fundamentado em fontes secundárias de dados disponíveis na literatura científica. As fontes de dados foram selecionadas a partir de buscas na plataforma Google Acadêmico. A busca inicial resultou em um total de 50 artigos, os quais foram submetidos a uma análise preliminar. Desses, 10 artigos foram lidos na íntegra. Em seguida, quatro artigos foram selecionados para compor o estudo final. Os critérios de inclusão foram: artigo publicado nos últimos 10 anos, abordar o

papel da enfermagem no apoio psicológico e emocional às gestantes, idioma em português ou inglês. Os critérios de exclusão foram: estudos que não abordassem especificamente o papel da enfermagem na assistência psicológica e emocional, artigos duplicados ou que não apresentassem conteúdo suficiente para análise aprofundada. **Resultados:** Os artigos selecionados abordam diferentes aspectos do suporte emocional durante a gestação, incluindo a importância do acolhimento em exames como a ultrassonografia obstétrica, a percepção das gestantes sobre o acompanhamento pré-natal, as emoções ao longo das diferentes fases da gestação e o papel dos grupos de suporte na promoção do bem-estar psicológico. **Conclusão:** A assistência emocional e psicológica prestada pela enfermagem no pré-parto desempenha um papel fundamental para o bem-estar da gestante, preparando-a para o trabalho de parto e auxiliando-a no enfrentamento de medos e ansiedades comuns nesse momento.

DESCRITORES: Enfermagem; Trabalho de Parto; Assistência Perinatal.

THE CONTRIBUTION OF EMOTIONAL SUPPORT IN THE PREPARTUM PERIOD FOR A SMOOTHER LABOR

ABSTRACT: Introduction: Nursing care during the first stage of labor plays a central role in promoting a safe, comfortable, and humanized environment for the parturient and her family. **Objective:** To analyze specific nursing interventions in the first stage of labor. **Method:** This is a bibliographic study with an exploratory and descriptive design, based on secondary data sources available in the scientific literature. The data sources were selected from searches on the Google Scholar platform. The initial search resulted in a total of 50 articles, which were subjected to a preliminary analysis. Of these, 10 articles were read in full. Four articles were then selected to compose the final study. The inclusion criteria were: article published in the last 10 years, addressing the role of nursing in psychological and emotional support for pregnant women, and written in Portuguese or English. The exclusion criteria were: studies that did not specifically address the role of nursing in psychological and emotional care, duplicate articles, or those that did not present sufficient content for in-depth analysis. **Results:** The selected articles address different aspects of emotional support during pregnancy, including the importance of support during exams such as obstetric ultrasound, the perception of pregnant women about prenatal care, emotions throughout the different stages of pregnancy, and the role of support groups in promoting psychological well-being. **Conclusion:** The emotional and psychological care provided by nursing professionals during the prenatal period plays a fundamental role in the well-being of pregnant women, preparing them for labor and helping them to cope with common fears and anxieties at this time.

DESCRIPTORS: Nursing; Labor; Perinatal Care

INTRODUÇÃO

A assistência de enfermagem no primeiro estágio do trabalho de parto desempenha um papel central na promoção de um ambiente seguro, confortável e humanizado para a parturiente e seus familiares (Viana *et al.*, 2024). Esta fase inicial do parto, caracterizada pela dilatação progressiva do colo uterino e pelo aumento das contrações, exige intervenções específicas da equipe de enfermagem que visam tanto o suporte físico quanto o emocional da gestante (Lima *et al.*, 2024).

As práticas de enfermagem nessa etapa envolvem desde o acolhimento e estabelecimento de uma relação de confiança até a explicação de cada procedimento e monitoramento rigoroso dos sinais vitais maternos e dos batimentos cardíacos fetais (Sanches *et al.*, 2019). Essa abordagem busca reduzir a ansiedade e garantir que a parturiente se sinta amparada e informada, promovendo uma experiência de parto positiva e segura (Lima *et al.*, 2024).

Uma assistência humanizada e baseada em evidências é fundamental para respeitar a individualidade da gestante, o que pode ser alcançado por meio do diálogo e da empatia. Segundo Frello *et al.* (2010), o cuidado de enfermagem se fundamenta em princípios de diálogo, sensibilidade e afetividade, que, aplicados no contexto do trabalho de parto, criam uma base de suporte e conforto para a parturiente. Esse contato próximo e personalizado não apenas ajuda a aliviar o desconforto físico, mas também reduz o estresse emocional, contribuindo para uma melhor adaptação ao processo de parto e favorecendo uma recuperação mais tranquila (Lima *et al.*, 2024).

A atuação da enfermagem inclui ainda a oferta de métodos não farmacológicos para alívio da dor, como deambulação, massagem, uso da bola suíça, técnicas de respiração e aromaterapia, métodos que se mostram eficazes para proporcionar maior conforto durante as contrações (Sanches *et al.*, 2019; Brasil, 2017). A enfermagem também incentiva a parturiente a se manter ativa realizando movimentos, adotando posições que facilitam o trabalho de parto, o que contribui para o progresso da dilatação e pode reduzir a necessidade de intervenções invasivas. Esses métodos visam respeitar o protagonismo da mulher e valorizar sua autonomia, características centrais do cuidado humanizado (Viana *et al.*, 2024).

Outro aspecto crucial é a admissão e acolhimento inicial, momento em que a parturiente é recebida e orientada pela equipe de enfermagem sobre o funcionamento do setor e sobre a presença de seu acompanhante, um direito assegurado e que proporciona maior conforto e segurança à mulher (Brasil, 2021). Durante esse processo, realiza-se uma avaliação completa, que inclui anamnese detalhada, investigação de antecedentes obstétricos e avaliação de queixas e condições de saúde atuais. A anamnese permite à equipe compreender o histórico de saúde da paciente e planejar os cuidados de forma individualizada, considerando possíveis fatores de risco ou condições prévias que podem influenciar o trabalho de parto (Lucia; Barros, 2021).

A assistência qualificada da enfermagem durante o trabalho de parto é essencial para reduzir complicações e contribuir para a diminuição das taxas de mortalidade materna e infantil (Sanches *et al.*, 2019). Ao proporcionar uma experiência de parto acolhedora e empática, a enfermagem também desempenha um papel na prevenção de problemas psicológicos no período pós-parto, como a depressão pós-parto, que pode ser exacerbada pela ausência de apoio emocional durante o parto (Reis *et al.*, 2020). Assim, o cuidado integral e humanizado praticado pela enfermagem visa não apenas o bem-estar físico imediato, mas também a saúde mental e a satisfação da parturiente com o processo de parto, fatores que podem impactar significativamente a experiência materna e o vínculo inicial com o bebê.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar as intervenções específicas de enfermagem no primeiro estágio do trabalho de parto, evidenciando a importância de uma abordagem humanizada e as contribuições dessas práticas para o bem-estar físico e emocional da parturiente. Por meio dessa análise, busca-se destacar o impacto positivo de uma assistência centrada na paciente e fundamentada em princípios de cuidado humanizado, que se revela essencial para uma experiência de parto saudável e satisfatória.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico, cujo objetivo é analisar a assistência de enfermagem no apoio psicológico e emocional a gestantes antes do parto. O estudo foi conduzido a partir de uma busca sistemática na literatura científica, com foco em publicações que abordem a atuação da enfermagem no apoio emocional e psicológico oferecido às gestantes. A metodologia utilizada permite consolidar o conhecimento disponível sobre o tema, contribuindo para identificar as melhores práticas e intervenções relevantes à assistência de enfermagem.

Tipo de Pesquisa

A pesquisa adotou um delineamento bibliográfico, exploratório e descritivo, fundamentado em fontes secundárias de dados disponíveis na literatura científica. Este tipo de abordagem é adequado para reunir e analisar o conhecimento existente sobre práticas de enfermagem relacionadas ao suporte emocional e psicológico durante o período gestacional, sintetizando as evidências e práticas recomendadas.

Fontes de Dados

As fontes de dados foram selecionadas a partir de buscas na plataforma Google Acadêmico, uma ferramenta amplamente utilizada para o acesso a artigos científicos e publicações acadêmicas. A seleção inicial envolveu a leitura de títulos e resumos para identificar artigos que abordassem especificamente o apoio psicológico e emocional prestado por enfermeiros(as) no período pré-parto.

Processo de Seleção

A busca inicial resultou em um total de 50 artigos, os quais foram submetidos a uma análise preliminar. Desses, 10 artigos foram lidos na íntegra para avaliar a adequação e a profundidade do conteúdo em relação ao tema proposto. Em seguida, quatro artigos foram selecionados para compor o estudo final, baseando-se nos seguintes critérios de inclusão:

- O artigo discute o apoio psicológico e emocional oferecido pela equipe de enfermagem às gestantes.
- O artigo aborda práticas de assistência de enfermagem com foco em aspectos emocionais do cuidado pré-parto.
- Publicações recentes e relevantes ao contexto brasileiro e internacional, com dados aplicáveis ao cenário da enfermagem obstétrica.

Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios de inclusão para os artigos analisados foram:

- Estar publicado nos últimos 10 anos, para garantir a atualidade dos dados e práticas discutidas.
- Abordar de forma direta e clara o papel da enfermagem no apoio psicológico e emocional às gestantes.
- Ser redigido em português ou inglês, para facilitar a compreensão e análise detalhada.

Os critérios de exclusão foram:

- Estudos que não abordassem especificamente o papel da enfermagem na assistência psicológica e emocional.
- Artigos duplicados ou que não apresentassem conteúdo suficiente para análise aprofundada.

Análise dos Dados

Os quatro artigos selecionados foram analisados qualitativamente, com enfoque nas práticas de enfermagem e nas intervenções que favorecem o bem-estar psicológico e emocional das gestantes. A análise teve como base os conceitos teóricos e as práticas recomendadas na literatura, permitindo uma compreensão ampla e fundamentada sobre o papel da enfermagem no apoio pré-natal. Os resultados foram organizados em categorias temáticas, evidenciando as principais abordagens e técnicas de apoio psicológico adotadas pela enfermagem.

Limitações do Estudo

Como se trata de uma pesquisa bibliográfica, as informações foram limitadas às descrições e resultados disponibilizados nos artigos analisados. Além disso, a busca foi

restrita ao Google Acadêmico, o que pode limitar o alcance de artigos disponíveis em outras bases de dados científicas.

Este método permitiu a construção de uma base sólida de informações sobre a importância do apoio emocional e psicológico na assistência de enfermagem a gestantes, permitindo identificar estratégias eficazes para uma prática humanizada e acolhedora no período pré-parto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os artigos selecionados abordam diferentes aspectos do suporte emocional durante a gestação, incluindo a importância do acolhimento em exames como a ultrassonografia obstétrica, a percepção das gestantes sobre o acompanhamento pré-natal, as emoções ao longo das diferentes fases da gestação e o papel dos grupos de suporte na promoção do bem-estar psicológico.

A seleção nesta revisão possibilitou uma análise diversificada e aprofundada sobre o impacto do apoio emocional na experiência gestacional, ressaltando a relevância da atuação da enfermagem no fortalecimento do cuidado integral e humanizado.

A Tabela 1 apresenta os artigos selecionados para compor a amostra deste estudo, com base em critérios de inclusão que priorizaram temas relacionados ao apoio psicológico e emocional oferecido pela enfermagem a gestantes.

Tabela 1. Artigos selecionados para compor a amostra do trabalho com base nos critérios.

ID	Título do Artigo	Objetivo
1	Impressões e sentimentos de gestantes em relação a ultrassonografia obstétrica no contexto de normalidade fetal	Investigar as impressões e sentimentos das gestantes sobre ultrassonografia obstétrica, no contexto da normalidade fetal.
2	Percepções e sentimentos de gestantes sobre o pré-natal	Investigar percepções e sentimentos de gestantes sobre a assistência pré-natal e se as demandas emocionais eram consideradas no atendimento
3	Sentimentos advindos da maternidade: revelações de um grupo de gestantes	Identificar os sentimentos revelados por um grupo de gestantes em dois momentos- ao descobrir a gravidez e no instante atual da gestação, bem como identificar dificuldades ao longo de todo processo
4	Intervenção psicológica a gestante: contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde	Apresentar um modo de o psicólogo atuar com a gestante, utilizando princípios do grupo de suporte.

Fonte: Autores (2024).

A análise dos artigos selecionados reforça a importância do apoio psicológico e emocional oferecido pela equipe de enfermagem no período gestacional, especialmente no contexto do pré-natal e no preparo para o parto. Durante essa fase, as gestantes experienciam uma ampla gama de sentimentos, desde felicidade e satisfação até ansiedade, medo e incertezas sobre o futuro. Esses sentimentos são influenciados por diversos fatores, incluindo o próprio desenvolvimento do bebê, as transformações físicas e emocionais que acompanham a gestação e as expectativas relacionadas ao parto (Sanchez et al., 2019).

No estudo de Gomes; Piccinini (2016), é destacado que a ultrassonografia obstétrica no contexto de uma gestação normal frequentemente gera alívio e tranquilidade para a gestante, que se sente satisfeita ao verificar a normalidade fetal. No entanto, este momento também pode trazer sentimentos de ansiedade, pois a ultrassonografia representa um marco de confirmação da saúde do bebê. Esse contexto revela a necessidade de uma abordagem de enfermagem que acolha as dúvidas e inseguranças das gestantes, ajudando-as a lidar com as emoções naturais que surgem a partir dos exames de rotina.

Por sua vez, Piccinini *et al.* (2016) exploraram as percepções das gestantes sobre a assistência pré-natal e identificaram que, embora os cuidados físicos estejam em conformidade com as necessidades médicas, as demandas emocionais das gestantes muitas vezes não são atendidas adequadamente. Esse estudo sugere que as gestantes valorizam um cuidado integral, onde se sintam ouvidas e acolhidas em suas preocupações emocionais. O apoio psicológico prestado pela equipe de enfermagem nesse contexto é essencial para promover um atendimento que respeite não só o bem-estar físico, mas também o psicológico da gestante.

No trabalho de Leite *et al.* (2016), fica claro que os sentimentos das gestantes evoluem ao longo do processo gestacional, variando conforme as etapas da gravidez. No início, sentimentos de surpresa e felicidade são comuns, mas, com o avançar da gestação, surgem ansiedades e preocupações com o parto e a saúde do bebê. Além disso, as gestantes enfrentam dificuldades como as mudanças corporais, as adaptações emocionais e as exigências dos novos papéis e responsabilidades. Esses achados reforçam a importância do papel do enfermeiro em fornecer suporte emocional contínuo ao longo de toda a gestação, ajudando a gestante a lidar com os desafios e incertezas de cada etapa.

Klein; Guedes (2016) destacam a relevância da intervenção psicológica através de grupos de suporte, onde as gestantes podem expressar livremente suas emoções e preocupações. Os grupos de suporte, facilitados por psicólogos e apoiados por enfermeiros, oferecem um espaço de acolhimento e cuidado, auxiliando as mulheres a enfrentarem as questões emocionais que surgem durante a gravidez. Esses grupos contribuem para a promoção de uma saúde mental mais equilibrada e para a redução de problemas psicológicos no pós-parto, como a depressão pós-parto, que pode afetar o vínculo inicial entre mãe e bebê.

Além do apoio psicológico, os artigos revisados apontam que os métodos não farmacológicos de alívio da dor, como deambulação, massagens, respiração consciente, uso de bola suíça e aromaterapia, são bem aceitos pelas gestantes e contribuem para um processo de parto mais humanizado e positivo. Esses métodos permitem que a gestante tenha uma participação ativa e consciente durante o trabalho de parto, fortalecendo o protagonismo da mulher e promovendo uma vivência de parto menos invasiva e mais centrada em suas preferências.

Entretanto, apesar dos benefícios observados, a literatura também indica desafios que limitam a aplicação de uma assistência emocional e humanizada em todas as instituições de saúde. A sobrecarga de trabalho da equipe de enfermagem, a falta de capacitação específica para o manejo de questões emocionais e as limitações estruturais são apontadas como obstáculos que dificultam a prática do cuidado integral e humanizado. A implementação de treinamentos específicos e políticas institucionais que valorizem o apoio emocional são fundamentais para que os profissionais de enfermagem possam oferecer um atendimento mais completo e alinhado às necessidades das gestantes.

Assim, os artigos analisados destacam a relevância de uma assistência de enfermagem que vá além do cuidado físico, incorporando também um suporte emocional e psicológico consistente para as gestantes. A presença de uma equipe de enfermagem capacitada para lidar com as demandas emocionais promove uma experiência gestacional mais positiva, reduz a ansiedade e o estresse e fortalece o vínculo entre a gestante e o bebê. Dessa forma, o cuidado humanizado e holístico oferecido pela enfermagem no pré-natal e no período pré-parto contribui significativamente para o bem-estar materno e para a promoção de uma maternidade saudável e segura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência emocional e psicológica prestada pela enfermagem no pré-parto desempenha um papel fundamental para o bem-estar da gestante, preparando-a para o trabalho de parto e auxiliando-a no enfrentamento de medos e ansiedades comuns nesse momento. A presença de um profissional capacitado para realizar a escuta atenta permite a identificação das principais angústias da gestante, proporcionando-lhe apoio e segurança. Esse cuidado contribui para reduzir níveis elevados de ansiedade, que podem interferir na pressão arterial e na estabilidade emocional, e favorece uma experiência de parto mais tranquila e positiva.

Além disso, a orientação sobre o direito de ter um acompanhante durante o parto reforça o apoio emocional, proporcionando à gestante um ambiente de maior acolhimento e suporte. Entre as práticas de enfermagem destacadas para o alívio emocional e psicológico no pré-parto estão as técnicas de relaxamento, como o banho e os exercícios leves, e as massagens, que podem ser aplicadas pelo profissional ou pelo próprio acompanhante. Outras intervenções incluem técnicas de alívio da dor e a manutenção de um diálogo

constante durante os procedimentos, oferecendo uma comunicação aberta e acolhedora.

Diante desse cenário, a capacitação da equipe de enfermagem na linha de cuidados emocionais e psicológicos no pré-parto se mostra essencial. Um atendimento de qualidade requer habilidades específicas para lidar com as necessidades emocionais das gestantes, promovendo um cuidado integral e humanizado. Ao investir nesse preparo, a enfermagem fortalece seu papel na promoção da saúde mental e no suporte emocional, contribuindo para uma experiência de parto mais satisfatória e segura.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde (MS). **Portaria nº 1.459, de 24 de junho de 2011**. Institui, no âmbito do SUS, a Rede Cegonha. Diário Oficial da União 2011; 24 jun.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2017.

LIMA, K. S. O. et al. The nurse's role in the pregnancy puerperal cycle: postpartum women's perception in the light of Peplau's theory. **Cogitare Enfermagem**, v. 29, p. e92803, 2024.

LUCIA, A.; BARROS, B. L. **Anamnese e Exame Físico: Avaliação Diagnóstica de Enfermagem no Adulto**. 4a Ed. Porto Alegre: Artmed. 2021.

MOURA, F. M. de J. S. P.; CRIZOSTOMO, C. D.; NERY, I. S.; MENDONÇA, R. de C. M.; ARAÚJO, O. D.; ROCHA, S. S. A humanização e a assistência de enfermagem ao parto normal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n. 4, p. 452–455, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/reben/a/wBXGtDrrJ99ZNQrDVVrMNHh/?lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2023.

REIS, R. S.; DOBBINS, C.; RACHED, A. O papel do enfermeiro no acompanhamento de pré-natal de baixo risco utilizando a abordagem centrada na pessoa – gestante. **International Journal of Human and Medical Review**. Disponível em: <https://ijhmreview.org/ijhmreview/article/download/125/62/68>. Acesso em: 12 set. 2023.

SANCHES, M. E. T. L. et al. Atuação da enfermeira obstétrica na assistência ao trabalho de parto e parto. **Revista de Enfermagem UERJ**, v. 27, p. e43933, 2019.

SAÚDE MENTAL. **Assistência no período pré-parto, parto e puerpério**. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos%20restritos/files/documento/2020-04/assistenciapreparto.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SOUZA, D. M. B. **Assistência de enfermagem no trabalho de parto e parto**. Disponível em: http://www.realidadevirtual.latec.ufrj.br/images/pdfs/protocolos/enfermagem/assistencia_de_enfermagem_no_trabalho_de_parto_2. Acesso em: 16 nov. 2023.

THOMAS, D. **Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao bebê**. 2016. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade do Vale do Taquari – Univates,

Lajeado, 07 dez. 2016. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/items/3aac4d38-2d78-47ce-b353-a1b490b55cdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

VIANA, V. A. O. et al. Prevalência e fatores associados à amamentação na primeira hora de vida: estudo transversal. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 33, p. e2023018, 2024.

CUIDADOS HOLÍSTICOS DE ENFERMAGEM NA GESTÃO DA DOR CRÔNICA: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA

Francisca Josilene Soares de Souza

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Maria Vitória Sousa Silva

Enfermeira pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9325-7985>

Maria Adriana Martins e Silva

Mestranda em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4024-6203>

Maria Geângela da Silva Oliveira

Mestranda em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0531-4264>

Sara do Nascimento Cavalcante

Mestrado em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3565-2151>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

Maria do Rosário Alves Pinto

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Lara de Sousa Moreira

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Denise Regina Vaz Pereira

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI,

Fortaleza, Ceará.

RESUMO: Introdução: A dor crônica não se limita à sensação física de desconforto, mas envolve uma experiência multidimensional que afeta profundamente o bem-estar psicológico e social do paciente. **Objetivo:** realizar uma revisão bibliográfica sobre os cuidados de enfermagem aplicados a pacientes adultos ou idosos com dor crônica, com ênfase na abordagem holística. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa. Para realizar a busca bibliográfica, foram utilizados os descritores do Descritores em Ciências da Saúde na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde: “dor crônica”, “enfermagem holística”, “idoso” OR “adulto”. Com auxílio dos operadores booleanos AND e OR. Os critérios de inclusão foram: artigos que abordassem os cuidados de enfermagem aplicados a pacientes com dor crônica; artigos que contemplassem a perspectiva holística no manejo da dor crônica, estudos que envolvessem pacientes adultos ou idosos e artigos disponíveis para leitura integral. **Resultado:** A estratégia de busca adotada resultou em oito artigos. Após a análise dos resumos, quatro artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, e, após a leitura integral, três artigos foram descartados por não responderem à pergunta de pesquisa. Dessa forma, foi selecionado um estudo. O principal achado foi que as técnicas holísticas são eficazes em reduzir a dor e aumentar o conforto das gestantes. **Conclusão:** Conclui-se que a enfermagem holística pode ser aplicada no manejo da dor crônica, não apenas como uma abordagem complementar, mas como uma estratégia eficaz de cuidado que considera as múltiplas dimensões da dor.

DESCRITORES: Dor Crônica; Enfermagem Holística; Adulto; Idoso.

HOLISTIC NURSING CARE IN CHRONIC PAIN MANAGEMENT: A CRITICAL LITERATURE REVIEW

ABSTRACT: Introduction: Chronic pain is not limited to the physical sensation of discomfort, but involves a multidimensional experience that profoundly affects the patient’s psychological and social well-being. **Objective:** to conduct a literature review on nursing care applied to adult or elderly patients with chronic pain, with an emphasis on the holistic approach. **Method:** This is an integrative review. To perform the literature search, the following descriptors from the Health Sciences Descriptors database were used: “chronic pain”, “holistic nursing”, “elderly” OR “adult”. With the help of the Boolean operators AND and OR. The inclusion criteria were: articles that addressed nursing care applied to patients with chronic pain; articles that contemplated the holistic perspective in the management of chronic pain, studies involving adult or elderly patients and articles available for full reading. **Result:** The search strategy adopted resulted in eight articles. After analyzing the abstracts, four articles were excluded because they did not meet the inclusion criteria, and after

reading them in full, three articles were discarded because they did not answer the research question. Thus, one study was selected. The main finding was that holistic techniques are effective in reducing pain and increasing the comfort of pregnant women. **Conclusion:** It is concluded that holistic nursing can be applied in the management of chronic pain, not only as a complementary approach, but as an effective care strategy that considers the multiple dimensions of pain.

DESCRIPTORS: Chronic Pain; Holistic Nursing; Adult; Elderly.

INTRODUÇÃO

A dor crônica é amplamente reconhecida como uma das maiores prioridades globais de saúde pública, dada sua alta prevalência e o impacto devastador que exerce sobre os indivíduos afetados. Estima-se que aproximadamente 1 em cada 10 adultos experimente essa condição, sendo sua prevalência duas vezes mais comum em mulheres do que em homens, com um aumento considerável entre aqueles com mais de 40 anos (Mansfield *et al.*, 2016). Esse fenômeno representa não apenas um desafio clínico, mas também uma preocupação significativa para as políticas de saúde pública, pois a dor crônica está intimamente relacionada a determinantes sociais, econômicos e políticos, amplificando seu impacto sobre a qualidade de vida das pessoas (Zimmer *et al.*, 2022).

A dor crônica não se limita à sensação física de desconforto, mas envolve uma experiência multidimensional que afeta profundamente o bem-estar psicológico e social do paciente. Seus efeitos adversos incluem a redução da capacidade funcional, dificuldades nas interações sociais, comprometimento da saúde mental e, em muitos casos, a deterioração das condições de vida do paciente. Tais impactos tornam a dor crônica uma condição complexa que exige abordagens de tratamento que não apenas tratem a dor física, mas que também integrem cuidados psicológicos, emocionais e sociais (Pandelani *et al.*, 2023). O tratamento eficaz dessa condição exige, portanto, estratégias que considerem a totalidade do ser humano, reconhecendo a interconexão entre os diferentes aspectos da saúde.

Nesse cenário, a Enfermagem Holística se apresenta como uma abordagem promissora para o manejo da dor crônica, oferecendo um modelo de cuidado que vai além da simples aplicação de intervenções técnicas. A Enfermagem Holística é fundamentada nas filosofias do holismo e do humanismo, e sua prática está centrada no reconhecimento do paciente como um ser único, cuja experiência de dor é multifacetada e deve ser abordada de forma integral. Para Frisch e Rabinowitsch (2019), essa abordagem reconhece a interdependência dos aspectos físico, emocional, mental e espiritual da experiência humana, e busca promover um cuidado que respeite essa complexidade. Ao adotar essa perspectiva, o enfermeiro não apenas trata os sintomas da dor, mas também se envolve de maneira empática e colaborativa com o paciente, reforçando a importância do relacionamento terapêutico e da mutualidade na construção do cuidado.

A Enfermagem Holística, portanto, propõe a restauração do equilíbrio do paciente, considerando suas necessidades individuais e promovendo práticas de cuidado que promovam o empoderamento e a autonomia (Rodrigues; Matos; Freitas, 2024). Através de uma comunicação aberta e respeitosa, o enfermeiro atua como facilitador no processo de autocuidado, incentivando o paciente a tomar decisões informadas sobre seu tratamento e a assumir um papel ativo em sua jornada de recuperação. Em vista disso, a implementação de abordagens holísticas para o manejo da dor crônica tem mostrado resultados promissores, melhorando a adesão ao tratamento e, conseqüentemente, a qualidade de vida dos pacientes.

Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre os cuidados de enfermagem aplicados a pacientes adultos ou idosos com dor crônica, com ênfase na abordagem holística. Pretende-se, assim, aprofundar o entendimento sobre as práticas de enfermagem que podem contribuir para um cuidado integral e centrado no paciente, integrando diferentes dimensões do ser humano no manejo da dor crônica e, assim, promovendo uma melhora significativa na qualidade de vida desses pacientes.

METODOLOGIA

Este estudo configura-se como uma revisão bibliográfica, conforme delineado por Gil (2022), sendo um método que se fundamenta na análise de materiais já publicados, permitindo a avaliação do estágio atual do conhecimento sobre um tema específico. O objetivo principal da revisão foi identificar e analisar os cuidados de enfermagem aplicados a pacientes adultos ou idosos com dor crônica, com foco na perspectiva da enfermagem holística. A escolha desse tema é justificada pela crescente necessidade de uma abordagem integrada e centrada no paciente para o manejo da dor crônica, especialmente em idosos e adultos, cujas condições muitas vezes apresentam características complexas e multifacetadas.

A pergunta norteadora da pesquisa foi: Quais os cuidados de enfermagem ao paciente adulto ou idoso com dor crônica numa perspectiva de enfermagem holística? Essa questão guiou todo o processo de busca e seleção dos artigos, uma vez que o foco central está em compreender as práticas de enfermagem que abordam de forma integral as diferentes dimensões da dor crônica, considerando tanto os aspectos físicos quanto psicológicos, emocionais e sociais dos pacientes.

Para realizar a busca bibliográfica, foram utilizados os descritores do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A combinação de descritores foi: (“dor crônica”) AND (“enfermagem holística”) AND (“idoso” OR “adulto”), buscando artigos que tratassem da dor crônica e dos cuidados de enfermagem, com ênfase na abordagem holística para pacientes adultos e idosos. Além disso, para garantir uma visão abrangente e internacional sobre o tema, realizou-se uma segunda busca utilizando os mesmos descritores em inglês: (“Chronic Pain”) AND (“Holistic

Nursing”)AND (“Aged” OR “Adult”). Essa abordagem trilingue (português, inglês e espanhol) foi adotada para permitir uma inclusão mais ampla de estudos relevantes de diferentes contextos geográficos e culturais.

A pesquisa foi filtrada para incluir apenas artigos disponíveis em texto completo, garantindo a possibilidade de leitura integral e uma análise detalhada de suas metodologias, resultados e conclusões. Foram priorizados artigos publicados em português, inglês e espanhol, uma vez que essas línguas são predominantes nas áreas da saúde e da enfermagem, e possuem um grande volume de produção científica relevante para o tema.

A seleção dos estudos foi realizada de forma rigorosa, com base nos seguintes critérios de inclusão: (1) artigos que abordassem diretamente os cuidados de enfermagem aplicados a pacientes com dor crônica; (2) artigos que contemplassem a perspectiva holística no manejo da dor crônica; (3) estudos que envolvessem pacientes adultos ou idosos, considerando a especificidade da dor crônica nessas faixas etárias; e (4) artigos disponíveis para leitura integral. Os critérios de exclusão envolveram estudos que não abordavam a dor crônica ou a enfermagem holística, bem como aqueles que não atendiam ao escopo da população adulta ou idosa.

Após a seleção inicial, os artigos foram analisados em profundidade, com ênfase nas metodologias empregadas, nos tipos de intervenções de enfermagem descritas e nos resultados encontrados. As informações extraídas foram agrupadas e organizadas em categorias temáticas, visando responder à pergunta de pesquisa. Este processo de análise permitiu identificar padrões e tendências nas práticas de enfermagem holística, bem como as evidências sobre sua eficácia no manejo da dor crônica.

Dessa forma, a revisão não só proporcionou um panorama atualizado sobre os cuidados de enfermagem para pacientes com dor crônica, mas também ofereceu uma reflexão sobre a importância de uma abordagem holística, que integra os aspectos físicos, emocionais e sociais do paciente, favorecendo a promoção de um cuidado mais completo e centrado nas necessidades do indivíduo.

RESULTADOS

A estratégia de busca adotada no presente estudo resultou em oito artigos inicialmente selecionados. Desses, todos os artigos estavam em inglês. Após a análise dos resumos, quatro artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, e, após a leitura integral, três artigos foram descartados por não responderem diretamente à pergunta de pesquisa, que se centra nos cuidados de enfermagem ao paciente adulto ou idoso com dor crônica sob a ótica da enfermagem holística. Dessa forma, após a triagem, foi selecionado um estudo que se mostrou alinhado aos objetivos da revisão.

O estudo de Charles *et al.* (2016) é um estudo quase experimental que investigou a eficácia de intervenções holísticas no alívio da dor em gestantes com dores não emergentes

associadas à gravidez. A amostra foi composta por 31 gestantes com idades variando entre 18 e 40 anos, que apresentavam condições de dor preexistentes, como cefaleias crônicas e outras dores crônicas exacerbadas pela gravidez. Este estudo foi escolhido, pois reflete a aplicação de uma abordagem holística, que é central ao tema deste trabalho, além de abordar a dor crônica, um fenômeno de alta prevalência entre a população adulta e idosa.

A principal questão do estudo de Charles *et al.* (2016) foi avaliar a eficácia de técnicas holísticas em reduzir a dor e aumentar o conforto das gestantes. O estudo foi desenvolvido por meio de três sessões educativas semanais, durante as quais as participantes aprenderam a aplicar técnicas terapêuticas de forma autônoma, como hidroterapia, exercícios físicos, relaxamento, auto-hipnose, aromaterapia e musicoterapia. Além disso, algumas técnicas necessitavam da participação de outra pessoa, como massagem e acupressão. Essas intervenções foram escolhidas por sua capacidade de abordar múltiplos aspectos da dor, considerando as dimensões físicas, psicológicas e emocionais, elementos fundamentais na concepção holística do cuidado.

Ao final da intervenção, os resultados indicaram uma redução significativa nos níveis de dor das participantes, além de um aumento nos níveis de conforto, conforme avaliado antes e depois da aplicação das técnicas. Em relação ao uso de medicamentos, observou-se uma redução do uso de opioides entre as gestantes que inicialmente faziam uso desses fármacos. Das três gestantes que relataram o uso de opioides no início do estudo, duas interromperam o uso ao final da intervenção, sugerindo que as técnicas holísticas não apenas aliviaram a dor, mas também reduziram a dependência de medicamentos, o que é um importante achado, dado o crescente debate sobre o uso excessivo de analgésicos opioides e seus riscos associados, como dependência e efeitos colaterais (Darnall *et al.*, 2018).

Além disso, uma avaliação a longo prazo foi realizada para observar a manutenção dos efeitos positivos das técnicas aplicadas. O contato telefônico, realizado próximo ao parto, mostrou que a maioria das participantes manteve o uso das técnicas aprendidas. Das 23 gestantes alcançadas, 21 continuaram utilizando as técnicas de forma autônoma, o que sugere que as intervenções não só tiveram efeito imediato, mas também forneceram habilidades duradouras para o manejo da dor, alinhando-se ao princípio da autocuidado, tão valorizado na enfermagem holística (Meleis, 2018).

DISCUSSÃO

Os resultados do estudo de Charles *et al.* (2016) reafirmam o potencial das abordagens holísticas no manejo da dor crônica, especificamente no contexto da gravidez, mas com implicações mais amplas para o cuidado de pacientes com dor crônica em geral. A dor crônica, sendo uma condição complexa e multifacetada, não pode ser abordada apenas do ponto de vista físico. Ela envolve uma interação dinâmica entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e espirituais, exigindo um cuidado integral que vá além da simples

administração de medicamentos.

A Enfermagem Holística propõe justamente essa visão ampla do paciente, considerando sua totalidade e tratando a pessoa como um ser único, com necessidades individuais (Frisch & Rabinowitsch, 2019). Nesse sentido, as intervenções utilizadas por Charles *et al.* (2016) podem ser vistas como práticas que não só aliviam a dor, mas também promovem o bem-estar psicológico e social, oferecendo uma alternativa eficaz ao tratamento convencional com medicamentos, particularmente em contextos onde a dor é crônica e resistente ao tratamento farmacológico.

Além disso, a redução no uso de opioides observada no estudo pode ser vista como uma das maiores contribuições das terapias holísticas no manejo da dor crônica. O uso excessivo de opioides é um problema crescente em muitos países, e estratégias que possam reduzir a dependência desses medicamentos são extremamente valiosas. Estudos recentes têm demonstrado que técnicas como aquelas utilizadas no estudo de Charles *et al.* (2016) podem ser eficazes na gestão da dor sem a necessidade de recorrer a analgésicos opioides, contribuindo para o alívio da dor de forma segura e sustentável (Bair *et al.*, 2015).

A aplicação das intervenções no contexto da dor crônica, como visto nesse estudo, também levanta a importância de incorporar práticas que envolvam o paciente no processo de cuidado, promovendo sua autonomia e empoderamento. A filosofia de cuidado holístico sugere que a dor não é apenas uma sensação física, mas um fenômeno que envolve dimensões emocionais e espirituais, e as intervenções holísticas, como a auto-hipnose e a musicoterapia, podem contribuir significativamente para o alívio do sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

fim, este estudo contribui para o entendimento de como a enfermagem holística pode ser aplicada no manejo da dor crônica, não apenas como uma abordagem complementar, mas como uma estratégia eficaz de cuidado que considera as múltiplas dimensões da dor e promove o bem-estar geral do paciente. A continuidade do uso das técnicas holísticas pelas gestantes mesmo após a conclusão do estudo sugere que essas práticas podem ser facilmente integradas ao cotidiano dos pacientes, proporcionando-lhes ferramentas para o manejo da dor de forma autônoma e sustentável.

Em um contexto mais amplo, as descobertas deste estudo reforçam a necessidade de se integrar práticas holísticas no cuidado da dor crônica, especialmente em uma sociedade onde a dependência de medicamentos e os efeitos colaterais dos tratamentos convencionais são preocupações crescentes. A Enfermagem Holística, ao tratar o paciente como um ser integral, oferece um modelo de cuidado inovador e eficaz para o manejo da dor, com base em uma abordagem personalizada que respeita as particularidades de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

CHARLES, N. A.; YOUNT, S.; MORGAN, A. Comfort over Pain in Pregnancy. **Pain Management Nursing**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 197–203, 2016. Disponível em: <http://www.painmanagementnursing.org/article/S152490421600076X/fulltext>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FRISCH, N. C.; RABINOWITSCH, D. What's in a Definition? Holistic Nursing, Integrative Health Care, and Integrative Nursing: Report of an Integrated Literature Review. **Journal of holistic nursing : official journal of the American Holistic Nurses' Association**, [s. l.], v. 37, n. 3, p. 260–272, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31257971/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Barueri [SP]: Atlas, 2022.

HEATH, L.; PHILIP, A. Chronic pain care: time for excellence. **Family Medicine and Community Health**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 285, 2020. Disponível em: </pmc/articles/PMC7299012/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MANSFIELD, K. E. et al. A systematic review and meta-analysis of the prevalence of chronic widespread pain in the general population. **Pain**, [s. l.], v. 157, n. 1, p. 55, 2016. Disponível em: </pmc/articles/PMC4711387/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

NAWAI, A. Chronic Pain Management Among Older Adults: A Scoping Review. **SAGE Open Nursing**, v. 5, 2019.

PANDELANI, F. F. et al. Chronic pain: its impact on the quality of life and gender. **Frontiers in Pain Research**, [s. l.], v. 4, p. 1253460, 2023. Disponível em: </pmc/articles/PMC10534032/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ZIMMER, Z. et al. A global study of pain prevalence across 52 countries: examining the role of country-level contextual factors. **Pain**, [s. l.], v. 163, n. 9, p. 1740, 2022. Disponível em: </pmc/articles/PMC9198107/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

RODRIGUES, A. A.; MATOS, A. H. C.; FREITAS, J. C. de. SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: INTEGRANDO UMA ABORDAGEM HOLÍSTICA. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 6, p. e4467, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4467>. Acesso em: 20 jun. 2024.

A RELEVÂNCIA DA COLETA DE DADOS NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS: CAMINHOS PARA UM CUIDADO EFICAZ

THE RELEVANCE OF DATA COLLECTION IN NURSE EDUCATION: PATHWAYS TO
EFFECTIVE CARE

Kelly Matos de Freitas Rocha

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Iana Inácio da Silva

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Francisca Iana Silva

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Thiago Ramon Soares

Doutorando em Saúde Pública pela UFC, Fortaleza, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0814-2946>

Joelita de Alencar Fonseca Santos

Docente do departamento de enfermagem na Universidade Federal do Piauí. Doutora em engenharia biomédica.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0126-465X>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

CONTEÚDO REFLEXIVO

O objeto de estudo deste manuscrito é a coleta de dados de qualidade no primeiro passo do Processo de Enfermagem e como esses dados ajudam no processo de recuperação do enfermo. Para os discentes de enfermagem, compreender a importância dessa etapa vai além de uma mera obrigação curricular; trata-se de um elemento central na formação de

um profissional que deve ser competente, ético e sensível às necessidades dos pacientes. A coleta de dados não se limita à obtenção de informações, mas representa um momento crucial de interação entre o enfermeiro e o paciente. Neste contexto, a escuta ativa e a observação cuidadosa são ferramentas essenciais que devem ser desenvolvidas ao longo da formação (Kwame; Petrucka, 2021).

Os desafios enfrentados durante a coleta de dados são variados. Por exemplo, a falta de sinceridade do paciente em relação ao seu estado de saúde pode ser um obstáculo significativo, comprometendo a qualidade da assistência. Essa realidade exige que os alunos desenvolvam habilidades críticas desde o início de sua formação, pois somente assim poderão lidar com situações complexas e imprevistas. Portanto, o ensino dessa etapa deve ser centrado na prática, utilizando simulações e estudos de caso que proporcionem aos alunos a oportunidade de experimentar e refletir sobre suas abordagens na coleta de dados (Ton *et al.*, 2024). Além disso, é fundamental que os futuros profissionais aprendam a utilizar instrumentos adequados, como a anamnese, o exame físico e a análise de exames laboratoriais, para garantir que a coleta de dados seja precisa e eficaz (Godoy *et al.*, 2021).

A integração desses instrumentos ao processo de coleta de dados é um aspecto vital que não pode ser negligenciado. Por exemplo, a anamnese é uma ferramenta essencial que permite ao enfermeiro obter informações sobre a história médica do paciente, seus sintomas e preocupações. O exame físico, por sua vez, oferece uma visão objetiva do estado de saúde atual do paciente, enquanto os exames laboratoriais e de imagem podem fornecer dados adicionais que ajudam na formulação do diagnóstico. Portanto, a formação em habilidades técnicas relacionadas a esses instrumentos deve ser uma prioridade no currículo dos cursos de enfermagem. Ao aprender a utilizar essas ferramentas de maneira crítica e reflexiva, os alunos estarão mais bem preparados para realizar uma coleta de dados abrangente e significativa.

A fundamentação teórica sobre o Plano de Enfermagem e suas etapas no ensino do enfermeiro é essencial para o seu desenvolvimento profissional. O entendimento das etapas do PE, incluindo a adequada coleta de dados, oferece aos alunos uma estrutura sólida para o trabalho do enfermeiro, ajudando-os a reconhecer a relevância de cada fase no cuidado ao paciente (Magnago; Pierantoni, 2019). Esta estruturação deve ser discutida em sala de aula, permitindo que os discentes compreendam a importância de uma abordagem sistemática e baseada em evidências. Essa abordagem não só facilita a organização do trabalho do enfermeiro, mas também garante que as tomadas de decisões durante o processo de cuidado sejam amparadas em dados sólidos e relevantes.

Além disso, a coleta de dados não é apenas uma etapa técnica; ela também serve como uma oportunidade para o enfermeiro construir uma relação de confiança com o paciente. Os profissionais devem ser capacitados a utilizar instrumentos como a anamnese e o exame físico de maneira empática e respeitosa, permitindo que o paciente se sinta confortável em compartilhar informações sobre sua saúde. Essa relação é fundamental,

pois um paciente que confia no enfermeiro é mais propenso a fornecer informações precisas e completas, o que, por sua vez, leva a um plano de cuidados mais eficaz. A capacidade de se comunicar de maneira clara e respeitosa é uma habilidade que deve ser desenvolvida durante a formação dos alunos, uma vez que ela é essencial para o sucesso da coleta de dados.

A utilização de instrumentos adequados na coleta de dados, como a anamnese e o exame físico, é imprescindível para a prática de enfermagem paciente (Silva *et al.*, 2022). A anamnese, quando bem conduzida, permite ao enfermeiro entender não apenas os sintomas do paciente, mas também o contexto social, emocional e cultural que pode influenciar sua saúde. O exame físico, por sua vez, proporciona informações objetivas que ajudam a identificar anormalidades e direcionar intervenções (Lélis; Melo; Lima, 2022). Além disso, a análise de exames laboratoriais e de imagem complementa essa coleta, oferecendo uma visão mais abrangente do estado de saúde do paciente. Assim, é crucial que os alunos se familiarizem com esses instrumentos, aprendendo a aplicá-los de forma crítica e reflexiva em suas práticas futuras.

Dessa forma, enfatizamos a necessidade de um comprometimento significativo com a coleta de dados na prática de enfermagem. Os alunos devem entender que essa etapa requer também uma abordagem empática e respeitosa, configurando-se como um processo dinâmico que envolve não apenas a obtenção de informações, mas também a construção de uma narrativa sobre o paciente (Silva *et al.*, 2022). Isso ajuda a identificar problemas reais ou potenciais, subsidiando o plano de cuidados e prevenindo complicações.

Ademais, o uso de instrumentos adequados para uma efetiva realização da anamnese e exame físico, é essencial, mas a formação do enfermeiro deve incluir o desenvolvimento de habilidades interpessoais que favoreçam a comunicação e a confiança do paciente. Os alunos devem ser preparados para lidar com a resistência de alguns pacientes em compartilhar informações, e a formação deve enfatizar a importância de um ambiente seguro e acolhedor.

A utilização de tecnologia e ferramentas digitais também pode ser considerada nesta etapa, pois com o avanço da tecnologia em saúde tem sido favorável ao profissional que realiza consulta, contudo o seu uso deve ser moderado. A modernização dos métodos de coleta de dados, por meio do uso de aplicativos e sistemas eletrônicos, pode facilitar a obtenção e a organização das informações, mas não podem substituir o olhar crítico e reflexivo do enfermeiro (Lima; Barbosa, 2019). Embora esses avanços tecnológicos ajudem a otimizar o tempo do profissional, só poderão aumentar a precisão dos dados coletados se o profissional tiver um bom raciocínio clínico. Assim, é fundamental que os alunos sejam ensinados a equilibrar o uso da tecnologia com o toque humano que caracteriza a prática da enfermagem. A interação pessoal ainda é um aspecto crucial da coleta de dados, e os alunos devem aprender a não deixar que a tecnologia interfira na relação de cuidado com o paciente.

Em suma, a coleta de dados é uma etapa essencial do processo de enfermagem que deve ser abordada de forma holística na formação dos alunos. Os educadores têm a responsabilidade de enfatizar a importância dessa fase, promovendo a reflexão crítica e a prática reflexiva entre os alunos. Ao fazer isso, prepararão profissionais que não apenas compreendem a relevância da coleta de dados, mas também são capazes de aplicá-la de maneira eficaz e humanizada no cuidado ao paciente.

A formação contínua e a pesquisa são componentes vitais para o desenvolvimento profissional dos enfermeiros. Ao se manterem atualizados sobre as melhores práticas e as inovações na área, os profissionais podem garantir que sua prática esteja sempre alinhada com as necessidades dos pacientes e com os avanços na ciência da saúde. Portanto, este comunicado breve não apenas destaca a importância da coleta de dados na enfermagem, mas também serve como um chamado à ação para que educadores e alunos se comprometam com a formação de profissionais competentes e sensíveis às necessidades dos pacientes.

REFERÊNCIAS

KWAME, A.; PETRUCKA, P.M. A literature-based study of patient-centered care and communication in nurse-patient interactions: barriers, facilitators, and the way forward. **BMC Nursing**, v. 20, n. 1, 3 set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12912-021-00684-2>. Acesso em: 16 nov. 2024.

TON, D.N.M. *et al.* Effects of Standardized Patient Simulation and Mobile Applications on Nursing Students' Clinical Competence, Self-Efficacy, and Cultural Competence: A Quasi-Experimental Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 21, n. 4, p. 515, 22 abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph21040515>. Acesso em: 16 nov. 2024.

GODOY, F. *et al.* Revisão e atualização do instrumento de coleta de dados utilizado no curso de Enfermagem. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, v. 2, n. 1, p. 65-84, 25 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v2n1a20215>. Acesso em: 16 nov. 2024.

MAGNAGO, C.; PIERANTONI, C.R. A formação de enfermeiros e sua aproximação com os pressupostos das Diretrizes Curriculares Nacionais e da Atenção Básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 1, p. 15-24, jan. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.28372019>. Acesso em: 16 nov. 2024.

LÉLIS, A.L.P.A.; MELO, D.B.; LIMA, J.R.T. Implementação de um roteiro de para o ensino do exame físico do recém-nascido com estudantes de Enfermagem. **Conjecturas**, v. 22, n. 5, p. 936-948, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.53660/conj-1057-p17>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SILVA, J.A. C. *et al.* Ensino da empatia em saúde: revisão integrativa. **Revista Bioética**, v. 30,

n. 4, p. 715-724, dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422022304563pt>. Acesso em: 16 nov. 2024.

LIMA, C.S.P.; BARBOSA, S.F.F. Aplicativos móveis em saúde: caracterização da produção científica da enfermagem brasileira. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 21, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v21.53278>. Acesso em: 16 nov. 2024.

RECONSTRUINDO VIDAS: A ABORDAGEM HOLÍSTICA NA REABILITAÇÃO DO IDOSO DIABÉTICO AMPUTADO

RECONSTRUCTING LIVES: THE HOLISTIC APPROACH TO REHABILITATION OF THE DIABETIC ELDERLY AMPUTEE

Francisca Evilene Belarmino Simplicio

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2490-4760>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Mestre e Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

Igo Borges dos Santos

Enfermeiro pela Universidade Federal da Ceará, Fortaleza, Ceará. Residência Multiprofissional em Pediatria pela ESP/CE.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4131-4570>

Sara do Nascimento Cavalcante

Mestre em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3565-2151>

CONTEÚDO REFLEXIVO

O envelhecimento da população é um fenômeno global que se intensifica a cada dia, representando uma das transformações mais significativas do século XXI. Esse crescimento demográfico traz à tona desafios importantes relacionados à saúde e à qualidade de vida, especialmente entre os idosos. Nesse contexto, é crucial que os cuidados de saúde sejam adaptados às necessidades específicas dessa faixa etária, com uma abordagem holística que considere não apenas as condições físicas, mas também os aspectos emocionais e sociais dos pacientes (Makwana, 2021).

O foco deste trabalho é a assistência ao paciente idoso diabético amputado, ressaltando a importância de uma abordagem humanizada e integral. Pacientes que enfrentam a amputação frequentemente lidam com uma série de complicações e adaptações,

que exigem um cuidado que vai além do tratamento físico, englobando o suporte emocional e a reintegração social.

Portanto, a assistência holística é fundamental para garantir uma recuperação mais eficaz e digna (Kawashita *et al.*, 2019). A necessidade de se considerar o indivíduo em sua totalidade e a importância da equipe de saúde no processo de reabilitação serão enfatizadas.

Antes de aprofundar esse entendimento, é importante evocar à memória que o Diabetes Mellitus é uma das principais condições clínicas enfrentadas na prática médica e constitui um grave problema de saúde pública. A sua prevalência tem aumentado ao longo dos anos, sendo frequentemente associada a complicações severas, como doenças cardiovasculares, retinopatia, nefropatia e neuropatia diabética. Entre essas complicações, o pé diabético se destaca como um dos fatores mais significativos que podem levar à amputação de membros inferiores, especialmente entre a população idosa (Zhang *et al.*, 2023).

No Brasil, a diabetes mellitus é um dos principais responsáveis pelas amputações de membros inferiores, afetando de maneira desproporcional os idosos. Essas amputações não apenas limitam a mobilidade do paciente, mas também impactam profundamente suas atividades de vida diária, aumentando sua vulnerabilidade e comprometendo sua qualidade de vida. O processo de adaptação a essa nova realidade pode ser intenso e prolongado, envolvendo reações emocionais complexas (Cardoso *et al.*, 2023).

Após a amputação, muitos pacientes experimentam uma fase inicial de choque, descrença e angústia. Esse estado emocional pode se agravar com o tempo, levando a sentimento de culpa, isolamento e até mesmo ideação suicida. É nesse momento que o papel dos profissionais de saúde se torna crucial, pois é fundamental que esses indivíduos tenham o suporte necessário para lidar com suas emoções e reconstruir suas vidas.

O enfermeiro desempenha um papel vital nesse processo, atuando como um educador e um facilitador do autocuidado. Através do diálogo e da construção de um vínculo de confiança, o enfermeiro pode ajudar o paciente a compreender os desafios que enfrenta e a adotar um novo estilo de vida que promova sua saúde e bem-estar. As atividades em grupo, por exemplo, podem ser uma forma eficaz de proporcionar acolhimento emocional, troca de experiências e aprendizado sobre autocuidado (Santos *et al.*, 2022).

Contudo, idealmente, os cuidados de reabilitação devem ser iniciados antes da amputação, durante a fase pré-operatória. Isso envolve uma avaliação física detalhada do paciente, bem como esclarecimentos sobre o prognóstico funcional e a discussão sobre a dor fantasma, que é uma queixa comum entre amputados. Estabelecer metas de curto, médio e longo prazo para a reabilitação é fundamental para o sucesso do processo.

A introdução de abordagens que visem o controle da dor, bem como a manutenção das amplitudes de movimentos e da força muscular, deve ser instituída sempre que possível. As

teorias de autocuidado são essenciais neste momento, pois elas proporcionam ao paciente as habilidades necessárias para gerenciar sua própria saúde, abrangendo aspectos como alimentação, vestuário, troca de postura e programas de fortalecimento muscular.

A supervisão e monitoramento dos cuidados devem ser realizados por uma equipe multiprofissional, que inclua enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas e psicólogos. A colaboração entre esses profissionais é fundamental para a implementação de um plano de cuidado eficaz e personalizado, que leve em consideração as necessidades específicas de cada paciente.

O desafio na atenção ao idoso amputado é conseguir contribuir para que ele redescubra possibilidades de viver a vida com qualidade. Para isso, é necessário um olhar crítico sobre os fatores sociais, financeiros, de transporte, habitação, proteção social e estrutura familiar que influenciam a vida do paciente. Esses aspectos são essenciais para entender o contexto em que o idoso se encontra e para oferecer uma assistência que realmente faça a diferença (Hando *et al.*, 2023).

A pessoa amputada deve ser vista em sua integralidade. As equipes de saúde da família precisam somar-se às equipes domiciliares e aos núcleos de apoio à saúde da família para garantir uma abordagem integral. Isso implica ampliar a resolubilidade e implementar a atenção básica como porta principal do sistema de saúde, promovendo ações que visem à proteção e à promoção da saúde.

As intervenções de enfermagem para o paciente diabético amputado devem ser focadas na promoção do autocuidado e na reabilitação funcional. O enfermeiro deve realizar avaliações contínuas, identificar as necessidades do paciente e ajustar o plano de cuidado conforme necessário. Isso inclui monitorar o estado emocional do paciente e oferecer suporte psicológico quando necessário.

É fundamental também considerar a participação da família no processo de reabilitação. A educação familiar é essencial para que os cuidadores possam entender a condição do paciente e assim melhorar o suporte adequado. A inclusão da família nas atividades de cuidado pode contribuir para um ambiente mais positivo e encorajador, ajudando o paciente a se sentir mais seguro e apoiado (Niu *et al.*, 2022).

A abordagem nutricional também desempenha um papel crucial na recuperação do paciente diabético amputado. Uma alimentação balanceada e adequada pode ajudar no controle da glicemia e na prevenção de complicações. O enfermeiro, em parceria com o nutricionista, deve elaborar um plano alimentar que atenda às necessidades específicas do paciente, considerando suas preferências e limitações.

Além disso, a promoção de atividades físicas adaptadas é uma parte importante do processo de reabilitação. Exercícios físicos podem ajudar a melhorar a força muscular, a resistência e a mobilidade, facilitando a reintegração do paciente às atividades diárias (Kawashita *et al.*, 2019). O fisioterapeuta deve ser envolvido para desenvolver um programa

de exercícios que seja seguro e adequado ao paciente.

A assistência holística ao paciente idoso diabético amputado é essencial para garantir uma recuperação digna e eficaz. A abordagem deve considerar as necessidades físicas, emocionais e sociais do paciente, promovendo um cuidado integrado que envolva a equipe de saúde, a família e a comunidade. A educação em saúde é uma ferramenta poderosa nesse processo, capacitando os pacientes e suas famílias a gerenciarem melhor a condição (Hashim, 2022).

Nesse sentido, apela-se para que os profissionais de saúde busquem formação continuada, capacitando-se para atender de maneira adequada e humanizada os pacientes idosos (Pakkonen *et al.*, 2022). A implementação de práticas baseadas em evidências e a realização de pesquisas são fundamentais para o aprimoramento das intervenções nesta área das doenças metabólicas e de seus impactos.

As instituições de ensino também devem promover discussões sobre a importância da assistência holística na formação de profissionais de saúde (Kumar, 2023). Isso contribuirá para a formação de enfermeiros mais preparados para lidar com as complexidades do envelhecimento e das doenças crônicas.

Sugere-se também que novas pesquisas sejam realizadas para explorar estratégias inovadoras na reabilitação de pacientes idosos amputados, considerando o arcabouço teórico que a enfermagem tem disponível, como por exemplo o de Calista Roy, que trabalha a teoria da adaptação. O foco deve estar em intervenções que considerem a individualidade do paciente e a realidade de seu contexto de vida, especialmente diante da necessidade de adaptações.

É essencial refletir sobre a ética e a humanização na assistência ao paciente cotidianamente, embora seja um tema bastante explorado. Cada idoso amputado é um ser humano com uma história única, e cabe ao profissional de saúde, dentre eles o enfermeiro, assegurar que suas necessidades sejam atendidas com respeito e dignidade. A assistência holística é uma abordagem que não apenas melhora a qualidade de vida dos pacientes, mas também transforma a forma como vemos e tratamos o envelhecimento e a saúde.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, E.M. *et al.* Quality of life in elderly people with diabetes mellitus and systemic arterial hypertension. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 31, n. 4, 2023b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462x202331040329>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Hando *et al.* Factors Influencing the Health-Related Quality of Life among Limb Amputees: A Two-Center Cross-Sectional Study. **East African Health Research Journal**, v. 7, n. 1, p. 121-126, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24248/eahrj.v7i1.718>. Acesso em: 15 nov. 2024.

HASHIM, M.J. The art of diabetes care: guidelines for a holistic approach to human and social factors. **Journal of Yeungnam Medical Science**, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12701/jyms.2022.00577>. Acesso em: 15 nov. 2024.

KAWASHITA, T. *et al.* Losing Legs to Losing Everything: How Neglecting Holistic Health Devastated a Lower-limb Amputee. **Cureus**, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7759/cureus.6275>. Acesso em: 15 nov. 2024.

KUMAR, A. Holistic approach on health and wellness. **Interantional journal of scientific research in engineering and management**, v. 07, n. 09, 1 set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55041/ijrem25767>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MAKWANA, G. Understanding Psychosocial Dimensions of Geriatric Patients with Effective and Efficient Approach: Comprehensive and Contributing Factors. **American Journal of Gerontology and Geriatrics**, v. 4, n. 1, p. 1-5, 24 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25107/2638-437x-v4-id1025>. Acesso em: 15 nov. 2024.

NIU, S. *et al.* Correlations between caregiver competence, burden and health-related quality of life among Chinese family caregivers of elderly adults with disabilities: a cross-sectional study using structural equations analysis. **BMJ Open**, v. 13, n. 2, p. e067296, fev. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2022-067296>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PAKKONEN, M. *et al.* Continuing education interventions about person-centered care targeted for nurses in older people long-term care: a systematic review. **BMC Nursing**, v. 20, n. 1, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12912-021-00585-4>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SANTOS, F.G.T. *et al.* Competência de idosos cuidadores informais de pessoas em assistência domiciliar. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0288>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ZHANG, P. *et al.* Global epidemiology of diabetic foot ulceration: a systematic review and meta-analysis. **Annals of Medicine**, v. 49, n. 2, p. 106-116, 3 nov. 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07853890.2016.1231932>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CONTRIBUIÇÕES DA VISITA DE ENFERMAGEM NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DE PACIENTES AMPUTADOS: CUIDADOS E AUTOCUIDADO

CONTRIBUTIONS OF NURSING VISITS IN THE REHABILITATION PROCESS OF AMPUTEE PATIENTS: CARE AND SELF-CARE

Lurdes Maria de lima

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Bianca Da Silva Almeida

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Ana Clara Lima

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Francisco Leonardo Freitas da Silva

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

CONTEÚDO REFLEXIVO

A visita de enfermagem a pacientes amputados é um dos pilares fundamentais na promoção da recuperação, uma vez que o processo de reabilitação de amputados vai além da simples cicatrização física da ferida operatória (Estevão *et al.*, 2020). A interação contínua com os profissionais de saúde, especialmente com os enfermeiros, é crucial para a adaptação e reintegração social desses pacientes. Essa assistência pode contribuir diretamente para a melhoria da qualidade de vida, facilitando a recuperação física, emocional e psicossocial. O papel da visita de enfermagem se estende desde a realização de cuidados básicos até o fornecimento de apoio psicológico, sendo indispensável em cada uma das etapas do processo de reabilitação, abordando as principais questões que envolvem os pacientes amputados, tais como adaptação ao uso de prótese, dor fantasma, autoestima e

a reintegração social (Estevão *et al.*, 2020).

A amputação é uma das práticas cirúrgicas mais antigas e, embora as técnicas e o cuidado com o paciente amputado tenham evoluído consideravelmente, os desafios enfrentados por esses indivíduos continuam sendo profundos. Nas primeiras tentativas de amputação, frequentemente realizadas em contextos de guerra, os pacientes eram submetidos a cirurgias traumáticas, muitas vezes sem anestesia, o que resultava em sequelas não apenas físicas, mas também emocionais e psicológicas (Senefonte *et al.*, 2012). Atualmente, a amputação é uma medida terapêutica planejada com o objetivo de permitir que o paciente tenha uma vida funcional e possa retornar, na medida do possível, às suas atividades cotidianas. No entanto, essa reabilitação exige um cuidado multidisciplinar, onde os enfermeiros desempenham papel central, facilitando o processo de adaptação e recuperação, especialmente no que se refere ao autocuidado, dor e reintegração social.

O conceito de reabilitação para pacientes amputados envolve uma abordagem holística, onde o cuidado não se restringe à gestão da ferida cirúrgica ou ao ajuste da prótese, mas também ao acolhimento psicológico, educação para a saúde e o estímulo à reintegração ao ambiente social. A abordagem multidisciplinar é fundamental, pois envolve profissionais como médicos, psicólogos, fisioterapeutas e assistentes sociais, que trabalham em conjunto para identificar sinais precoces de complicações, estimular o processo de adaptação do paciente e fornecer o apoio necessário em cada fase da recuperação (Brasil, 2013).

Nesse contexto, a enfermagem, com seu papel integral no processo de cuidados, é fundamental para o sucesso da reabilitação. O enfermeiro é responsável por realizar avaliações contínuas do paciente, identificar complicações precoces e oferecer suporte para o manejo da dor, tanto a dor residual no coto quanto a dor do membro fantasma, que é uma das sequelas mais comuns após a amputação (Schneiber, 2017). O cuidado efetivo também inclui o acompanhamento da cicatrização da ferida e a preparação do coto para adaptação à prótese, além de educar o paciente sobre cuidados de longo prazo e prevenção de complicações.

A dor, em particular, é uma questão complexa para os pacientes amputados e pode ter um impacto significativo no processo de reabilitação. A dor fantasma, caracterizada pela sensação de dor na área do membro perdido, pode ser debilitante e deve ser tratada de forma eficaz. A avaliação dessa dor deve ser realizada de maneira sistemática, utilizando ferramentas padronizadas que considerem fatores como intensidade, frequência e os efeitos dessa dor na qualidade de vida do paciente (Santos *et al.*, 2018). Além disso, o enfermeiro deve ter a capacidade de distinguir entre a dor residual, que está relacionada à cicatrização e à operação, e a dor fantasma, que pode ter origens neurológicas mais complexas.

A Teoria de Déficit de Autocuidado de Orem (Cade, 2001) destaca que o enfermeiro deve facilitar a transição do paciente para a autossuficiência no cuidado de si mesmo. Para o paciente amputado, isso envolve não apenas a aprendizagem de cuidados com a ferida

e com a prótese, mas também o enfrentamento de questões emocionais e psicológicas associadas à perda do membro. O enfermeiro, nesse contexto, deve atuar como facilitador do processo de autocuidado, fornecendo as ferramentas necessárias para que o paciente reconquiste sua autonomia.

A visita de enfermagem é o momento ideal para promover esse tipo de autocuidado, uma vez que o enfermeiro pode oferecer orientação contínua sobre como o paciente deve lidar com os aspectos físicos da recuperação, como a higiene do coto, a aplicação de curativos, e o uso adequado da prótese. Ao mesmo tempo, é fundamental que o enfermeiro aborde questões mais subjetivas, como a aceitação da amputação, o impacto na autoestima e a reintegração ao trabalho e à vida social (Garcia *et al.*, 2018). A escuta ativa, o acolhimento e o suporte psicológico são componentes essenciais dessa visita, ajudando o paciente a lidar com os desafios emocionais da reabilitação.

Além disso, o enfermeiro deve estar atento ao processo de adaptação à prótese. O paciente pode enfrentar dificuldades iniciais no uso do dispositivo, como desconforto, problemas de ajuste e insegurança ao caminhar. O enfermeiro tem a responsabilidade de instruir o paciente sobre como realizar ajustes na prótese, além de promover atividades que estimulem a mobilidade e o fortalecimento muscular, essenciais para a adaptação à nova condição.

A amputação de um membro pode resultar em significativas alterações psicossociais. O paciente frequentemente passa por um processo de luto devido à perda do membro, o que pode gerar sentimentos de depressão, ansiedade e isolamento social. A aceitação da amputação é um dos maiores desafios enfrentados pelo paciente, e isso pode ser facilitado pelo apoio contínuo durante as visitas de enfermagem (Garcia *et al.*, 2018).

O enfermeiro, além de seu papel clínico, deve atuar como um mediador social, ajudando o paciente a enfrentar os estigmas associados à amputação. Esse processo envolve incentivar a participação do paciente em atividades sociais, culturais e profissionais, sempre que possível. A reintegração do paciente amputado à sociedade deve ser um objetivo fundamental do processo de reabilitação, e isso exige um esforço conjunto entre o paciente, a equipe de saúde e a comunidade. O enfermeiro desempenha um papel essencial nesse processo, proporcionando o suporte necessário para que o paciente se sinta capaz de retomar suas atividades de forma plena e satisfatória (Abredari *et al.*, 2015).

A reabilitação de pacientes amputados, como descrito, envolve um processo complexo que exige uma abordagem holística. Além de cuidados técnicos, o suporte emocional e psicológico proporcionado pelas visitas de enfermagem tem grande impacto na qualidade de vida do paciente. A aceitação da amputação, a adaptação à prótese e a reintegração social são aspectos fundamentais que o enfermeiro deve abordar durante o acompanhamento do paciente. É essencial que o paciente se sinta compreendido e apoiado durante toda a jornada de reabilitação.

O papel da enfermagem no processo de reabilitação vai muito além do simples cuidado com as feridas ou o ajuste da prótese. Ele envolve um acompanhamento contínuo, onde o enfermeiro também se torna um importante agente de motivação e apoio psicológico. As visitas de enfermagem são momentos cruciais para avaliar o progresso do paciente, identificar possíveis complicações precoces e oferecer o suporte necessário para que o paciente se recupere não apenas fisicamente, mas também psicologicamente e socialmente. O fortalecimento da autoestima e a reintegração à sociedade são objetivos que devem ser perseguidos com dedicação e sensibilidade.

A visita de enfermagem a pacientes amputados é uma prática essencial para a reabilitação integral desses indivíduos. A atuação contínua do enfermeiro, que combina cuidados técnicos com suporte emocional, é fundamental para a adaptação e reintegração do paciente à sua nova realidade. Ao promover o autocuidado, a aceitação da amputação e a participação ativa na sociedade, a visita de enfermagem contribui para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes, tornando-se uma intervenção essencial para a reabilitação física, emocional e social.

REFERÊNCIAS

- ABREDARI, H. *et al.* Health locus of control and self-care behaviors in diabetic foot patients. **Medical Journal of the Islamic Republic of Iran**, v. 26, n. 29, p. 283, 2015.
- BRASIL. **Diretrizes de atenção à pessoa amputada**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- CADE, N. V. A teoria do déficit de autocuidado de OREM aplicada em hipertensas. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 9, n. 3, p. 43-50, 2001.
- ESTEVÃO, M. C. *et al.* Dor fantasma em pacientes submetidos à amputação: revisão integrativa. **Medicus**, v.2, n.2, p.1-5, 2020.
- GARCIA, A. B. *et al.* Percepção do usuário no autocuidado de úlcera em membros inferiores. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 39, p. e2017-0095, 2018.
- SANTOS, B. K. D. *et al.* Atuação de equipe multiprofissional no atendimento à pessoa amputada: Contextualizando serviços e protocolos hospitalares. **Universidade do Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 528-537, 2018.
- SCHNEIDER, M. L. Lower limb amputation: Postoperative nursing care and considerations. **Evidence-Based Practice**, Philadelphia, v. 26, n. 4, p. 1-4, jul. 2017.
- SENEFONTE, F. R. A. *et al.* Primary amputation in trauma: a profile of hospital Center-west region of Brazil. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 11, n. 4, p. 269-276, 2012.

REFORÇANDO A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA HOLÍSTICA DE ENFERMAGEM NO TRATAMENTO DE ESTOMATERAPIA: UMA ABORDAGEM INTEGRAL PARA O BEM-ESTAR DO PACIENTE

REINFORCING THE IMPORTANCE OF HOLISTIC NURSING CARE IN STOMA THERAPY TREATMENT: A COMPREHENSIVE APPROACH TO PATIENT WELL-BEING

Maria Luciene Perreira Braga

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

Joelita de Alencar Fonseca Santos

Docente do departamento de enfermagem na Universidade Federal do Piauí. Doutora em engenharia biomédica.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0126-465X>

Emanuella Silva de Melo

Mestranda em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://lattes.cnpq.br/0000047849296300>

CONTEÚDO REFLEXIVO

O objetivo deste manuscrito reflexivo é aprofundar a discussão sobre a importância da assistência holística de enfermagem no campo da estomaterapia, destacando como essa abordagem pode impactar positivamente a qualidade de vida de pacientes com estomas, lesões de pele e incontinências. Essas condições frequentemente demandam um cuidado que ultrapassa os aspectos técnicos e clínicos, exigindo uma atenção que considere as dimensões biopsicossociais do indivíduo. Nesse contexto, a visão holística oferece aos enfermeiros estomaterapeutas um caminho essencial para atender às necessidades complexas dos pacientes, promovendo uma recuperação mais completa e satisfatória (Costa et al., 2020).

A estomaterapia, como especialidade da enfermagem, é dedicada ao cuidado de pacientes com condições que exigem intervenções específicas e contínuas, como os estomas. Contudo, sua atuação vai além do manejo técnico, incluindo ações preventivas, terapêuticas e reabilitadoras que auxiliam o paciente a enfrentar as mudanças impostas pela condição. Esse cuidado especializado é realizado exclusivamente por enfermeiros capacitados, que, além de tratar os aspectos físicos, também trabalham para reduzir o impacto emocional e social das condições tratadas. Assim, a prática estomaterápica exige não apenas habilidades técnicas apuradas, mas também sensibilidade e empatia para lidar com as implicações multifacetadas das condições de saúde dos pacientes (Shoji, 2017; Lemos et al., 2010; Lopes Neto & Pagliuca, 2002).

Ao se compreender que o cuidado vai além da dimensão biológica, torna-se imprescindível incorporar as dimensões emocionais, psicológicas, sociais e espirituais na assistência prestada. Esse enfoque holístico permite uma abordagem mais abrangente, que reconhece o paciente como um ser integral e não apenas como portador de uma condição clínica específica. Na estomaterapia, esse tipo de cuidado é essencial para garantir o sucesso dos tratamentos, pois promove a adaptação do paciente às mudanças impostas pela condição, além de fomentar uma recuperação que prioriza o bem-estar geral (Lemos et al., 2010).

Os avanços nas ciências da saúde têm trazido inovações tecnológicas que enriquecem as práticas de enfermagem, incluindo a estomaterapia. Apesar dessas contribuições, a humanização do cuidado continua a ser um pilar indispensável. A abordagem holística reforça essa premissa, ao enfatizar que o tratamento deve incluir as singularidades físicas, emocionais e sociais de cada indivíduo. Essa integração entre técnica e humanização resulta em uma assistência mais completa e personalizada, que não se limita ao cuidado imediato, mas também promove a reabilitação biopsicossocial dos pacientes (Rodrigues; Matos; Freitas, 2024).

No contexto perioperatório, o papel do enfermeiro estomaterapeuta é ainda mais evidente. Além de realizar os procedimentos técnicos necessários, o profissional deve planejar uma assistência que considere as necessidades emocionais e sociais dos pacientes durante todas as fases do tratamento. Essa atuação permite que o enfermeiro ajude o paciente a lidar com as mudanças físicas e psicológicas impostas pelo tratamento, contribuindo para uma recuperação que integra aspectos técnicos e humanos (Lopes Neto & Pagliuca, 2002).

Um dos pilares da assistência holística em estomaterapia é a promoção do autocuidado. O enfermeiro estomaterapeuta desempenha um papel essencial ao capacitar o paciente para gerenciar sua condição de maneira autônoma, o que inclui orientações sobre a higienização do estoma, cuidados com a pele e prevenção de complicações. Essa capacitação promove a aceitação da nova realidade e reforça o protagonismo do paciente em seu processo de recuperação, fortalecendo sua autoestima e confiança (Costa et al.,

2020).

Outro aspecto fundamental da visão holística é a integração do ambiente e da rede de apoio ao planejamento do cuidado. O enfermeiro estomaterapeuta avalia o ambiente no qual o paciente está inserido, incluindo condições de moradia, hábitos de vida e suporte social. Esse olhar ampliado possibilita a elaboração de estratégias de cuidado que não apenas tratam a condição, mas também ajudam a identificar e abordar fatores subjacentes que podem ter contribuído para a necessidade de cuidados estomaterápicos (Shoji, 2017).

A rede de apoio, especialmente composta por familiares e cuidadores, desempenha um papel central na recuperação e adaptação do paciente. O enfermeiro, ao incluir esses atores no planejamento do cuidado, promove um ambiente colaborativo que fortalece os vínculos e melhora os resultados terapêuticos. Essa abordagem favorece a construção de um suporte emocional e prático que é fundamental para o enfrentamento das condições tratadas na estomaterapia (Lemos et al., 2010).

As condições estomaterápicas também apresentam impactos significativos no bem-estar emocional e na autoestima dos pacientes, muitas vezes gerando sentimentos de isolamento e estigmatização. Nesse cenário, o cuidado holístico busca minimizar esses impactos, oferecendo suporte psicológico e estratégias de enfrentamento que ajudam o paciente a se adaptar à sua nova condição de vida. Essa abordagem promove uma reabilitação mais efetiva e fortalece a resiliência do paciente diante das adversidades (Rodrigues; Matos; Freitas, 2024).

A educação em saúde é outra estratégia indispensável para o sucesso da estomaterapia. Por meio de intervenções educativas, o enfermeiro estomaterapeuta ensina o paciente e sua família a lidar com as demandas do tratamento, promovendo autonomia e melhorando a adesão às orientações. Essa prática também fortalece a relação entre profissional de saúde e paciente, criando um ambiente de confiança e colaboração mútua (Costa et al., 2020).

A empatia, enquanto elemento fundamental do cuidado, potencializa a eficácia da assistência estomaterápica. Ao compreender os sentimentos e necessidades dos pacientes, o enfermeiro consegue estabelecer uma conexão genuína que contribui para um cuidado mais humanizado e centrado no indivíduo. Essa abordagem não apenas melhora a experiência do paciente, mas também promove resultados terapêuticos mais positivos (Shoji, 2017).

Ao considerar a relação entre a abordagem holística e a qualidade de vida, percebe-se que essa visão integrada favorece a recuperação em todas as suas dimensões. O cuidado não se limita a tratar as lesões físicas, mas também inclui intervenções que promovem o bem-estar emocional, social e espiritual do paciente, assegurando um tratamento mais abrangente e efetivo (Lopes Neto & Pagliuca, 2002).

A atuação do enfermeiro estomaterapeuta, ao integrar técnicas avançadas com a abordagem holística, transforma a prática da enfermagem em uma ferramenta poderosa de reabilitação. Esse profissional desempenha um papel transformador ao proporcionar cuidados que fortalecem a resiliência e a dignidade do paciente, promovendo não apenas a recuperação física, mas também uma vida com mais qualidade (Rodrigues; Matos; Freitas, 2024).

Por fim, ao unir os fundamentos técnicos da estomaterapia com a visão holística, o enfermeiro reafirma seu compromisso com um cuidado completo e humanizado. Essa prática, além de proporcionar resultados clínicos mais eficazes, contribui para a reconquista da qualidade de vida e da dignidade dos pacientes. O desenvolvimento contínuo dessa abordagem representa um avanço significativo na enfermagem, consolidando a estomaterapia como uma prática indispensável para o cuidado integral em saúde (Costa et al., 2020).

REFERÊNCIAS

COSTA, C. C. P. *et al.* Os sentidos de ser enfermeiro estomaterapeuta: complexidades que envolvem a especialidade. **Estima–Brazilian Journal of Enterostomal Therapy**, v. 18, 2020.

LEMOS, R. C. A. *et al.* Visão dos enfermeiros sobre a assistência holística ao cliente hospitalizado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 12, n. 2, 2010.

LOPES, D. N.; PAGLIUCA, L. M. F. Abordagem holística do termo pessoa em um estudo empírico: uma análise crítica. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 10, n. 6, p. 825-30, 2002.

RODRIGUES, A. A.; MATOS, A. H. C.; FREITAS, J. C. de. Sistematização da assistência de enfermagem na unidade de terapia intensiva: integrando uma abordagem holística. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 6, p. e4467, 2024.

SHOJI, S. *et al.* O cuidado de enfermagem em Estomaterapia e o uso das tecnologias. **Revista Estima**, v. 15, n. 3, 2017.

A INTEGRAÇÃO DE CUIDADOS EMOCIONAIS NO ATENDIMENTO DE ENFERMAGEM

INTEGRATING EMOTIONAL CARE INTO NURSING PRACTICE

Cristina de Oliveira Ehrenberg

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Fernanda Moreira Lima Vieira

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7112-6085>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

Vitória Maria Correia Maia

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Maria Geângela da Silva Oliveira

Mestranda em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0531-4264>

CONTEÚDO REFLEXIVO

A hospitalização representa um período crítico na vida dos pacientes, muitas vezes repleto de desafios emocionais e físicos. Nesse ambiente, o cuidado emocional emerge como um elemento fundamental, essencial para a promoção da qualidade de vida e recuperação dos indivíduos. O controle emocional refere-se à habilidade de conviver com sentimentos intensos, sejam eles positivos ou negativos, permitindo que o paciente reaja de forma adequada a cada situação que enfrenta (Doménech; Tur-porcar; Mestre-escrivá, 2024) Essa capacidade torna-se ainda mais crucial durante a hospitalização, onde a ansiedade e a incerteza frequentemente acompanham o estado clínico do paciente.

A ansiedade, em particular, destaca-se como uma das emoções mais prevalentes em pacientes hospitalizados, resultante do novo contexto em que se encontram e das dúvidas que surgem a respeito de seu tratamento e prognóstico (Naik *et al.*, 2024). Nesse cenário, o suporte emocional oferecido pela equipe de saúde, aliado ao apoio familiar, se torna imprescindível para acolher o paciente e facilitar seu enfrentamento das adversidades. É fundamental reconhecer que muitos pacientes podem ter dificuldade em lidar com suas emoções, o que reforça a necessidade de um ambiente de apoio e compreensão.

Neste sentido, a empatia se revela como uma habilidade crucial para os profissionais de enfermagem, incluindo enfermeiros, técnicos e auxiliares. Ao compreender e compartilhar as emoções dos pacientes, esses profissionais são capazes de oferecer um atendimento mais humano e eficaz, favorecendo a construção de relações de confiança. O conceito de cuidado centrado no paciente, que prioriza as necessidades e preferências individuais, está intrinsecamente ligado à prática da empatia. Essa abordagem permite que o atendimento seja personalizado, considerando não apenas os aspectos físicos, mas também as dimensões emocionais e sociais que influenciam a saúde e o bem-estar dos pacientes (Khatri *et al.*, 2023).

Portanto, este editorial aborda a importância do cuidado emocional durante a hospitalização, enfatizando o papel da empatia na prática de enfermagem e a necessidade de um suporte abrangente que envolva tanto a equipe de saúde quanto os familiares. A compreensão e o cuidado das dimensões emocionais dos pacientes hospitalizados são essenciais para promover a recuperação, melhorar a experiência hospitalar e, em última instância, garantir a qualidade de vida durante um momento tão desafiador.

O cuidado emocional de um paciente hospitalizado é crucial para sua evolução positiva, considerando-o de forma biopsicossocial. Durante a internação, muitos pacientes enfrentam desafios psicológicos significativos que afetam seu bem-estar e recuperação. O ambiente hospitalar pode ser um lugar repleto de incertezas, e a experiência de um novo contexto muitas vezes provoca ansiedade e insegurança nos pacientes (Ji *et al.*, 2024).

A hospitalização pode ser um momento de grande vulnerabilidade, onde o paciente se depara com o medo do desconhecido e a preocupação com a sua saúde. Esses sentimentos podem ser intensificados pela presença de equipamentos médicos, pelo atendimento em um ambiente desconhecido e pela comunicação técnica que pode ser difícil de entender. Tal situação exige uma abordagem empática por parte da equipe de saúde, que deve estar preparada para acolher as emoções dos pacientes.

A comunicação é um componente crítico do cuidado emocional. Os profissionais de enfermagem precisam estabelecer um canal de diálogo aberto e honesto com os pacientes e seus familiares. Essa comunicação eficaz não só ajuda a aliviar a ansiedade, mas também é essencial para que o paciente compreenda o seu estado de saúde e o tratamento proposto. O uso de uma linguagem clara e acessível é fundamental para que o paciente se sinta mais seguro e confortável.

O apoio familiar durante a hospitalização também desempenha um papel vital no cuidado emocional do paciente. Os familiares são muitas vezes a fonte mais confiável de apoio, e sua presença pode proporcionar um senso de segurança (Svendsen *et al.*, 2021). A equipe de saúde deve reconhecer a importância desse suporte e buscar integrar os familiares no processo de cuidado, incentivando sua participação e colaboração.

A presença do familiar pode não apenas aliviar o estresse do paciente, mas também ajudá-lo a enfrentar situações desafiadoras. Ter alguém de confiança ao seu lado durante procedimentos médicos ou em momentos de incerteza pode fazer uma diferença significativa na forma como o paciente lida com a hospitalização. Esse apoio emocional é essencial para que o paciente mantenha um estado mental positivo, o que pode impactar diretamente sua recuperação.

Além disso, a equipe de saúde deve estar atenta às necessidades emocionais dos familiares, que também podem experimentar ansiedade e estresse. É importante que os profissionais de saúde ofereçam apoio e orientação aos acompanhantes, ajudando-os a lidar com suas próprias emoções. Um familiar que se sente acolhido e informado será mais capaz de fornecer o suporte necessário ao paciente (Svendsen *et al.*, 2021).

Os profissionais de enfermagem devem ser treinados para identificar sinais de sofrimento emocional tanto em pacientes quanto em seus familiares. A empatia é uma habilidade essencial nesse contexto, pois permite que os enfermeiros reconheçam as preocupações e medos dos pacientes. Essa sensibilidade pode melhorar a qualidade do cuidado prestado e facilitar a construção de relações de confiança entre a equipe de saúde e o paciente.

Estudo demonstrou que a empatia dos profissionais de enfermagem está diretamente relacionada à satisfação do paciente (Onofrei, 2023). Quando os pacientes percebem que seus cuidadores são compreensivos e se preocupam genuinamente com seu bem-estar emocional, eles tendem a ter uma experiência hospitalar mais positiva. Essa satisfação não apenas melhora a percepção do cuidado, mas também pode influenciar os resultados clínicos, reduzindo complicações e encurtando o tempo de internação.

Em um cenário de hospitalização prolongada, o papel da equipe de saúde torna-se ainda mais relevante. Pacientes que enfrentam longas internações podem desenvolver sentimentos de isolamento e solidão (Purssell; Gould; Chudleigh, 2020). Portanto, a equipe deve promover interações frequentes e significativas, não apenas com o paciente, mas também com os familiares. Essas interações ajudam a criar um ambiente acolhedor, onde todos se sentem apoiados e valorizados.

O cuidado emocional também deve ser abordado de maneira sistemática. A equipe de saúde pode implementar estratégias para garantir que o apoio emocional seja parte integrante do plano de cuidados. Isso pode incluir a realização de reuniões regulares com os familiares, sessões de escuta ativa e a disponibilização de recursos, como grupos de apoio, que ajudem tanto pacientes quanto familiares a compartilhar suas experiências.

Ainda, a educação em saúde é uma ferramenta poderosa para reduzir a ansiedade e melhorar a compreensão do paciente sobre sua condição. A equipe de enfermagem deve dedicar tempo para explicar os procedimentos, o estado de saúde do paciente e as expectativas em relação ao tratamento. Quando os pacientes estão bem-informados, eles se sentem mais no controle de sua situação, o que pode aliviar o medo e a insegurança (Oliveira et al., 2024).

As intervenções que focam no cuidado emocional também podem ter um impacto positivo na recuperação do paciente (Smith *et al.*, 2021). Pacientes que se sentem apoiados emocionalmente tendem a responder melhor aos tratamentos, resultando em excelentes resultados de saúde (Al-ruzzieh; Ayaad, 2021). Portanto, a promoção do bem-estar emocional não deve ser vista como uma atividade secundária, mas como uma prioridade no cuidado de enfermagem.

Por fim, a criação de uma cultura de cuidado que valorize o aspecto emocional da saúde é fundamental. Profissionais de saúde devem ser incentivados a desenvolver habilidades emocionais e a reconhecer a importância do cuidado holístico. Isso não apenas beneficia os pacientes, mas também promove um ambiente de trabalho mais colaborativo e solidário, onde todos se sentem valorizados e comprometidos com a qualidade do cuidado.

Diante da complexidade do processo de hospitalização, é evidente que o cuidado emocional deve ser uma prioridade. A colaboração entre a equipe de saúde e a família é vital para proporcionar um ambiente seguro e acolhedor, onde o paciente possa enfrentar suas incertezas e ansiedades. Essa abordagem integrada não só melhora a experiência hospitalar, mas também contribui significativamente para a recuperação e o bem-estar do paciente.

REFERÊNCIAS

DOMÉNECH, P.; TUR-PORCAR, A. M.; MESTRE-ESCRIVÁ, V. Emotion Regulation and Self-Efficacy: The Mediating Role of Emotional Stability and Extraversion in Adolescence. **Behavioral Sciences**, v. 14, n. 3, p. 206, 4 mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/bs14030206>. Acesso em: 15 nov. 2024.

NAIK, H. *et al.* Psychiatric Symptoms, Treatment Uptake, and Barriers to Mental Health Care Among US Adults With Post-COVID-19 Condition. **JAMA Network Open**, v. 7, n. 4, p. e248481, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2024.8481>. Acesso em: 15 nov. 2024.

KHATRI, R. B. *et al.* People-centred primary health care: a scoping review. **BMC Primary Care**, v. 24, n. 1, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12875-023-02194-3>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Jl, Q. *et al.* The relationship between stigma and quality of life in hospitalized middle-aged and elderly patients with chronic diseases: the mediating role of depression and the moderating

role of psychological resilience. **Frontiers in Psychiatry**, v. 15, 21 maio 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2024.1346881>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SVENDSEN, M.L. *et al.* Family involvement and patient-experienced improvement and satisfaction with care: a nationwide cross-sectional study in Danish psychiatric hospitals. **BMC Psychiatry**, v. 21, n. 1, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03179-1>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ONOFREI, L. *et al.* The impact of theory of mind, stress and professional experience on empathy in Romanian community nurses—a cross-sectional study. **BMC Nursing**, v. 22, n. 1, 25 out. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12912-023-01569-2>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PURSSELL, E.; GOULD, D.; CHUDLEIGH, J. Impact of isolation on hospitalised patients who are infectious: systematic review with meta-analysis. **BMJ Open**, v. 10, n. 2, p. e030371, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2019-030371>. Acesso em: 15 nov. 2024.

OLIVEIRA, P. *et al.* Design of a nursing psychoeducation program to reduce preoperative anxiety in adults. **Frontiers in Public Health**, v. 12, 3 jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2024.1391764>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SMITH, T. B. *et al.* Effects of psychosocial support interventions on survival in inpatient and outpatient healthcare settings: A meta-analysis of 106 randomized controlled trials. **PLOS Medicine**, v. 18, n. 5, p. e1003595, 18 maio 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1003595>. Acesso em: 15 nov. 2024.

AL-RUZZIEH, M.A.; AYAAD. Impact of nurses' emotional intelligence on the implementation of a professional practice model in cancer care. **British Journal of Nursing**, v. 30, n. 19, p. 1110-1116, 28 out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12968/bjon.2021.30.19.1110>. Acesso em: 15 nov. 2024.

AINDA É FUNDAMENTAL REFLETIR SOBRE AS INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE

IT IS STILL ESSENTIAL TO REFLECT ON HEALTHCARE-ASSOCIATED INFECTIONS

Sarah Raquel Jucá Barbosa

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Rafaela de Fátima Mendes dos Santos

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Thais Magalhães Rodrigues

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Camila da Silva Gomes

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

CONTEÚDO REFLEXIVO

O conceito de infecção abrange todo e qualquer processo infeccioso, ou seja, o desenvolvimento ou multiplicação de um agente infeccioso. Trata-se de um grave problema, que demanda da equipe de enfermagem o cumprimento rigoroso dos protocolos e processos de segurança, visando garantir o cuidado e o bem-estar dos pacientes. Esse compromisso é essencial para evitar infecções cruzadas ou hospitalares (Campos & Oliveira, 2024; Camargo et al., 2021).

A análise deste tema remonta à época de Florence Nightingale, precursora da Enfermagem Moderna. Durante a guerra, as enfermarias encontravam-se em condições precárias, sem conforto ou medicamentos, oferecendo assistência insuficiente devido à falta de recursos e transporte. Esse cenário resultava em inúmeros casos de infecção pós-

operatória. Florence implementou critérios simples, como a individualização dos utensílios dos pacientes, o preparo de dietas adequadas e a higienização das mãos. Essas medidas reduziram significativamente a taxa de mortalidade da instituição (Breigeiron, Vaccari & Ribeiro, 2021).

No contexto atual, os enfermeiros, como protagonistas no cuidado aos pacientes, precisam adotar condutas prudentes. É frequente que estudos apontem as mãos dos profissionais de saúde como vetor de surtos infecciosos (Akutagava, 2019; Figueiredo, 2006). As mãos, especialmente na transmissão de microrganismos multirresistentes, são o principal elo entre um paciente colonizado e a contaminação de outro (Campos & Oliveira, 2024). Assim, a higienização adequada, com técnicas e produtos corretos, é fundamental para prevenir a disseminação.

Florence Nightingale descreveu a Enfermagem como “uma arte que exige devoção exclusiva e preparo rigoroso, comparável a qualquer obra de pintor ou escultor, mas com a complexidade de lidar com o corpo vivo, o templo do espírito de Deus.” Este pensamento reflete a essência e a responsabilidade da profissão.

O papel do enfermeiro no controle de infecções hospitalares é de extrema importância, pois ele mantém o contato mais próximo com os pacientes. Segundo o Ministério da Saúde, infecções hospitalares são adquiridas após o acolhimento do paciente na unidade e podem manifestar-se durante a internação ou após a alta, desde que relacionadas ao período hospitalar (Camargo et al., 2021; Figueiredo, 2006). Algumas dessas infecções são preveníveis, podendo ser interrompidas pela adoção de medidas adequadas, enquanto outras ocorrem mesmo diante de precauções, especialmente em pacientes imunossuprimidos (ANVISA, 2023; Akutagava, 2019).

O termo “infecções hospitalares” tem sido substituído por “infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS)”, abrangendo infecções associadas a qualquer tipo de atendimento ao paciente, seja em hospitais, clínicas ou serviços especializados (Campos & Oliveira, 2024). No Brasil e no mundo, as IRAS representam um sério problema sanitário. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, em países desenvolvidos, 7% dos pacientes internados em UTIs adquirem ao menos uma IRAS, taxa que sobe para 15% em países de baixa e média renda. Desses, 1 em cada 10 pacientes afetados morre em decorrência da infecção. No caso de microrganismos resistentes, a mortalidade pode atingir de 20% a 30% (ANVISA, 2023).

A prevenção das IRAS está diretamente associada à contenção da resistência microbiana nos serviços de saúde. Práticas como a higiene frequente e adequada das mãos podem prevenir até 70% dessas infecções. A transmissão cruzada de microrganismos multirresistentes, frequentemente vinculada ao contato com superfícies ou profissionais contaminados, é uma das principais causas de infecções hospitalares (Camargo et al., 2021).

Nesse contexto, é essencial informar e orientar pacientes, acompanhantes e visitantes sobre medidas de prevenção durante a internação. O enfermeiro desempenha papel central ao aplicar técnicas e rotinas que previnem e minimizam infecções nas unidades hospitalares. Além disso, sua atuação na Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) é vital, englobando atividades como supervisão de materiais e processos, práticas educativas e estudos para atualização profissional.

A formação técnica e científica do enfermeiro exige atenção às práticas bacteriológicas de desinfecção e esterilização, além de participação ativa na CCIH. A escolha de um representante de enfermagem na equipe de controle de infecções é crucial para garantir a efetividade das ações. A educação continuada, baseada na discussão e reflexão em grupo, é uma estratégia eficiente para promover mudanças comportamentais, reduzindo as altas taxas de infecções hospitalares e melhorando a qualidade do cuidado.

O enfermeiro é peça fundamental na CCIH, com impacto significativo na comunidade hospitalar e, principalmente, nos pacientes. Suas ações contribuem para um cuidado mais eficiente e para a valorização da profissão pela sociedade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **15 de maio é Dia Nacional do Controle das Infecções Hospitalares**. Ministério da Saúde, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2023/15-de-maio-e-dia-nacional-do-controle-das-infeccoes-hospitalares>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

AKUTAGAVA, J. C. **O papel do enfermeiro no controle da infecção hospitalar**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) Faculdade Inesul, Londrina, 2019. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_64_1568646906.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2024.

BREIGEIRON, M. K.; VACCARI, A.; RIBEIRO, S. P. Florence Nightingale: legacy, present and perspectives in COVID-19 pandemic times. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 1, p. e20201306, 2021. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1306>

CAMPOS, M. L. T.; OLIVEIRA, P. C. **Prevenindo IRAS: a importância da higienização das mãos para técnicos de enfermagem**. 2024. Trabalho de conclusão de curso (Técnico em Enfermagem) - Etec Prof. Carmine Biagio Tundisi, Centro Paula Souza, Atibaia, 2024.

CAMARGO, G. S. *et al.* Infecção Hospitalar Relacionada à Assistência de Enfermagem: Uma Revisão Integrativa. **Enfermagem: desafios e perspectivas para a integralidade do cuidado**, v. 1, p. 202-212, 2021.

CANSIAN, T. M. A enfermagem e o controle da infecção cruzada. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 30, n. 4, p. 412-422, 1977. <https://doi.org/10.1590/0034-716719770004000009>

FIGUEIREDO, C. H. **Controle de infecção cruzada na atenção básica em saúde bucal no município de fortaleza**: uma análise crítica. 2006. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2006. Disponível em: <https://www.uece.br/wp-content/uploads/sites/37/2009/10/ceciliaholanda-2006.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

CONTAMINAÇÃO AMBIENTAL E BAIXA SEGURANÇA NO TRABALHO: UMA RELAÇÃO PERIGOSA

ENVIRONMENTAL CONTAMINATION AND LOW WORKPLACE SAFETY: A
DANGEROUS RELATIONSHIP

Francisca Evilene Belarmino Simplicio

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2490-4760>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

Fernanda Moreira Lima Vieira

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7112-6085>

Maria Eliane Alves de Sousa

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2940-1389>

Cristina de Oliveira Ehrenberg

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Williane Moraes de Jesus Gazos

Doutoranda em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8713-7111>

Fernanda Clara da Silva Ribeiro

Enfermeira pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6840528293420357>

CONTEÚDO REFLEXIVO

O corpo humano é o nosso “bem mais precioso”, exigindo cuidados constantes e uma relação equilibrada com a natureza, que assegura a qualidade de vida. O ambiente de trabalho, inserido nesse contexto, desempenha um papel crucial na saúde do trabalhador. A interconexão entre meio ambiente, saúde e desenvolvimento é vital não apenas para garantir a produtividade, mas também para promover a segurança e o bem-estar dos trabalhadores (Miño-terrancle *et al.*, 2023). Nesse sentido, é fundamental compreender como as condições ambientais impactam a saúde ocupacional, uma vez que fatores como poluição, exposição a substâncias químicas e as condições físicas do espaço laboral podem influenciar diretamente a saúde e a capacidade de trabalho dos indivíduos.

Os riscos ocupacionais abrangem uma variedade de fatores que podem ameaçar a saúde do trabalhador, incluindo riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e mecânicos. Cada um desses grupos apresenta desafios específicos, e entender suas características é essencial para a implementação de estratégias eficazes de prevenção (Agoshkov; Sushkova; Kurochkin, 2023). As Normas Regulamentadoras (NRs), que estabelecem diretrizes para a segurança no trabalho, são cruciais para que empregadores e trabalhadores conheçam esses riscos e adotem medidas de proteção adequadas. Por exemplo, a NR-9 aborda a avaliação de riscos ambientais e a importância de prevenir doenças ocupacionais, ressaltando a responsabilidade compartilhada entre empregadores e empregados em manter um ambiente seguro.

Os riscos físicos, que incluem fatores como temperaturas extremas, radiação e umidade, podem levar a problemas de saúde significativos, como desidratação e doenças relacionadas ao calor. Portanto, é imperativo que sejam adotadas medidas de proteção adequadas para garantir a segurança dos trabalhadores, especialmente em setores mais suscetíveis a essas condições. Além disso, os riscos químicos são uma preocupação constante em muitos ambientes de trabalho, onde a exposição a substâncias químicas ocorre por inalação, contato com a pele ou ingestão. O manuseio inadequado de produtos químicos pode resultar em intoxicações agudas ou crônicas, sublinhando a necessidade de formação e uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para a segurança dos trabalhadores.

Os riscos biológicos, por sua vez, envolvem a exposição a microrganismos que podem causar doenças, sendo especialmente relevantes para profissionais da saúde que lidam diariamente com patógenos transmitidos por fluidos corporais. Medidas de segurança, como vacinas e protocolos rigorosos de higiene, são essenciais para proteger esses trabalhadores e garantir a saúde coletiva (World health organization, 2022). Os riscos ergonômicos, resultantes da interação entre o trabalhador e seu ambiente de trabalho, devem ser igualmente considerados. Posturas inadequadas, carga excessiva e falta de descanso podem resultar em lesões e estresse, exigindo a implementação de práticas ergonômicas que promovam a saúde a longo prazo e garantam a produtividade.

A presença de riscos mecânicos e a falta de segurança em relação a máquinas e equipamentos contribuem para um número significativo de acidentes de trabalho. O uso inadequado de ferramentas e a ausência de proteções adequadas aumentam a probabilidade de ocorrências graves, tornando a conscientização e a formação contínua indispensáveis para a prevenção de incidentes. Para mitigar esses riscos, é essencial que sejam adotadas medidas preventivas que incluam a realização de análises de risco, treinamentos periódicos e a promoção de uma cultura de segurança que envolva todos os colaboradores. Essa abordagem holística não apenas protege os trabalhadores, mas também beneficia as organizações ao reduzir custos relacionados a acidentes e doenças.

Além disso, a crescente automação dos processos de trabalho apresenta novos desafios para a segurança. Embora a tecnologia possa melhorar a eficiência, ela também pode criar riscos adicionais que precisam ser avaliados e geridos adequadamente. Nesse cenário, o treinamento torna-se uma ferramenta poderosa para promover a segurança no trabalho, devendo ser contínuo e adaptado às necessidades de cada setor. A educação dos trabalhadores sobre os riscos ocupacionais e as melhores práticas de segurança deve ser acessível e constante, assegurando que todos os colaboradores estejam cientes das medidas de proteção necessárias.

A baixa segurança no trabalho não afeta apenas a saúde do trabalhador individualmente, mas também impacta a produtividade e a saúde organizacional (Félix; Oliveira, 2024). Acidentes e doenças decorrentes de um ambiente inseguro podem levar a ausências, afetando diretamente a eficiência das operações. Ademais, a saúde mental dos trabalhadores também é influenciada por essas condições. O estresse gerado pela preocupação com a segurança pode resultar em problemas emocionais, como ansiedade e depressão, o que torna imprescindível a criação de um ambiente seguro que promova o bem-estar emocional e psicológico.

Os empregadores têm um papel crucial na promoção da segurança no trabalho, devendo garantir que todos os recursos necessários sejam disponibilizados e que as NRs sejam rigorosamente seguidas. Essa responsabilidade ativa da gestão é fundamental para cultivar uma cultura de segurança eficaz. A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) também desempenha um papel importante nesse processo, funcionando como um canal de comunicação entre trabalhadores e empregadores. Através da CIPA, é possível identificar e discutir riscos, promovendo um ambiente de trabalho mais seguro.

Portanto, as empresas devem priorizar a saúde e segurança de seus trabalhadores, reconhecendo que um ambiente laboral saudável resulta em maior produtividade e menor rotatividade de funcionários. Essa visão deve ser integrada à cultura organizacional, incentivando a colaboração e o comprometimento de todos (Chibana *et al.*, 2022b). Exemplos de empresas que implementaram medidas eficazes de segurança e alcançaram sucesso na redução de acidentes podem servir de inspiração, demonstrando que a promoção de um ambiente seguro é viável e benéfica para todos os envolvidos.

Refletir sobre a construção de uma cultura de segurança no trabalho é essencial. Isso envolve não apenas a implementação de normas, mas também a promoção de uma mentalidade de segurança onde cada colaborador se sinta responsável por zelar pelo próprio bem-estar e pelo dos outros. A legislação vigente desempenha um papel fundamental na proteção dos trabalhadores, mas deve ser constantemente revisada e atualizada para acompanhar as mudanças nas condições de trabalho e nas tecnologias empregadas. Investir em pesquisa sobre riscos ocupacionais e suas consequências é crucial, pois o conhecimento gerado deve ser utilizado para desenvolver políticas e práticas de segurança mais eficazes.

A pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios para a segurança do trabalho, exigindo adaptações rápidas por parte das empresas para garantir a proteção de seus trabalhadores (Santos *et al.*, 2020). Esse contexto destacou a importância de protocolos de saúde e segurança bem estruturados e da necessidade de integração entre as áreas de saúde e segurança do trabalho. Contudo, muitas empresas enfrentam dificuldades na implementação de medidas adequadas devido à falta de recursos e resistência cultural. Incentivos à adoção de práticas seguras podem ser uma estratégia eficaz para promover a segurança no trabalho, incluindo recompensas para equipes que alcançam metas de segurança ou programas de reconhecimento para trabalhadores que se destacam na promoção de uma cultura de segurança.

Além disso, fatores externos, como condições climáticas e políticas governamentais, podem impactar a segurança do trabalho, e as empresas devem estar preparadas para enfrentar esses desafios, adaptando suas práticas conforme necessário. A comunicação aberta e transparente é essencial para fomentar um ambiente de trabalho seguro, onde todos os colaboradores se sintam à vontade para relatar riscos e sugerir melhorias. A educação dos trabalhadores sobre os riscos ocupacionais e as melhores práticas deve ser contínua, e esse aprendizado deve ser promovido de maneira acessível e dinâmica.

Sabidamente, a enfermagem desempenha um papel crucial na identificação e prevenção de riscos ocupacionais, sendo uma das profissões mais próximas dos trabalhadores. Os enfermeiros são frequentemente os primeiros a reconhecer sinais de risco à saúde e a promover ações preventivas, educando os trabalhadores sobre práticas seguras e a importância do autocuidado (Sousa; Tosto, 2023). Nesse contexto, é imperativo que os profissionais de enfermagem se tornem defensores da segurança no trabalho, atuando não apenas no tratamento de doenças, mas também na promoção de ambientes laborais saudáveis (Alves; Silveira, 2022). O fortalecimento da sua atuação nas comissões de segurança do trabalho pode ser um passo significativo para a construção de uma cultura de prevenção que envolva todos os colaboradores.

Os enfermeiros devem ser proativos na defesa de políticas que priorizem a saúde e segurança no ambiente de trabalho, utilizando sua formação e experiência para influenciar mudanças. Isso pode incluir a implementação de programas de educação contínua

sobre os riscos ocupacionais e a defesa de melhores condições de trabalho para todos os profissionais (Lopes *et al.*, 2023). Ao se tornarem líderes e agentes de mudança, os enfermeiros não apenas protegem seus colegas de trabalho, mas também contribuem para o fortalecimento do sistema de saúde como um todo, garantindo que a segurança e o bem-estar dos trabalhadores sejam sempre prioridade. O envolvimento ativo da profissão nas iniciativas de segurança do trabalho não apenas melhora a qualidade de vida dos trabalhadores, mas também potencializa a eficácia dos serviços prestados, promovendo uma saúde ocupacional robusta e sustentável (Stucky; Wymer; House, 2022).

Portanto, um apelo é feito a todos os profissionais de enfermagem: que assumam a responsabilidade de serem agentes de mudança e defensores da saúde e segurança no trabalho. Juntos, podemos construir um futuro em que a saúde do trabalhador seja uma prioridade indiscutível, garantindo não apenas a segurança no ambiente laboral, mas também promovendo a dignidade e o bem-estar de todos. O comprometimento com a segurança no trabalho é um investimento que traz retornos significativos, não apenas para os indivíduos, mas para toda a sociedade.

A segurança no trabalho deve ser uma prioridade compartilhada, exigindo o comprometimento de todos os envolvidos. Proteger os trabalhadores é garantir não apenas sua saúde, mas também a sustentabilidade e a prosperidade das organizações. A promoção de ambientes de trabalho seguros e saudáveis deve ser vista como um investimento, resultando em benefícios a longo prazo para a saúde dos trabalhadores e para a eficiência das operações empresariais. Ao adotar medidas eficazes e promover uma cultura de segurança, é possível reduzir os riscos de contaminação ambiental e garantir o bem-estar de todos no ambiente de trabalho, criando um futuro mais seguro e produtivo para todos.

REFERÊNCIAS

- AGOSHKOV, A.I.; SUSHKOVA, A.V.; KUROCHKINLI, P.A. Work environment safety management program office workers. **XXI century. Technosphere Safety**, v. 8, n. 3, p. 238-254, 30 set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21285/2500-1582-2023-3-238-254>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- ALVES, W.C.; SILVEIRA, R.S. A importância da segurança dos trabalhadores de enfermagem no ambiente de trabalho na prevenção dos riscos ocupacionais. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e5711527811, 29 mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27811>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- CHIBANA, B. T. *et al.* Importância da cultura de promoção de saúde e segurança no trabalho em tempos de e pós covid-19. **Trabalho (En)Cena**, v. 7, p. e022028, 22 dez. 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/2526-1487e022028>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- LOPES, B.A. *et al.* A cultura de segurança do paciente na perspectiva da equipe de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/>

[ce.v28i0.86111](#). Acesso em: 16 nov. 2024.

MIÑO-TERRANCLE, J. *et al.* Leadership and the Promotion of Health and Productivity in a Changing Environment: A Multiple Focus Groups Study. **Safety**, v. 9, n. 3, p. 45, 6 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/safety9030045>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTOS, K.B. *et al.* Trabalho, saúde e vulnerabilidade na pandemia de COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00178320>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTOS, K.F.; OLIVEIRA, N.M. A construção da cultura de segurança na redução de acidentes de trabalho. **Revista ft**, p. 20-21, 24 ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.69849/revistaft/cs10202408241420>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SOUZA, A.K.S.; TOSTO, T.F. A importância do enfermeiro na promoção e prevenção em programas de saúde ocupacional e segurança do trabalhador. **Ciências da Saúde**, v.27, ed.128, 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-importancia-do-enfermeiro-na-promocao-e-prevencao-em-programas-de-saude-ocupacional-e-seguranca-do-trabalhador>. Acesso em: 16 nov 2024.

STUCKY, C.H.; WYMER, J.A.; HOUSE, S. Nurse Leaders: Transforming Interprofessional Relationships to Bridge Healthcare Quality and Safety. **Nurse Leader**, jan. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.mnl.2021.12.003>. Acesso em: 16 nov. 2024.

WORLD HEATH ORGANIZATION. Standard precautions for the prevention and control of infections: aide-memoire. 20 jun. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/item/WHO-UHL-IHS-IPC-2022.1>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CUIDADO PALIATIVO DOMICILIAR: UM ENFOQUE HOLÍSTICO E MULTIDISCIPLINAR PARA A QUALIDADE DE VIDA DO PACIENTE A PARTIR DO PROCESSO DE ENFERMAGEM

HOME PALLIATIVE CARE: A HOLISTIC AND MULTIDISCIPLINARY APPROACH TO PATIENT QUALITY OF LIFE THROUGH THE NURSING PROCESS

Joelia Lopes da Silva

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

Fabiana Freire Anastacio

Enfermeira pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Pós-graduada em Unidade de Terapia Intensiva e em Urgência e Emergência.

Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8520097291806874>

Dara Cesario Oliveira

Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1708-1260>

Fernanda Clara da Silva Ribeiro

Enfermeira pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6840528293420357>

CONTEÚDO REFLEXIVO

Este comunicado breve propõe refletir a aplicação do Processo de Enfermagem (PE) no cuidado domiciliar de pacientes em cuidados paliativos, com um foco especial em uma abordagem holística a partir do Processo de Enfermagem.

O PE se configura como um modelo estruturado que organiza e orienta o trabalho do enfermeiro, viabilizando uma assistência mais efetiva e integral. Esse processo compreende cinco etapas essenciais: a 'Avaliação de Enfermagem', o 'Diagnóstico de Enfermagem', o

‘Planejamento de Enfermagem’, a ‘Implementação das Intervenções de Enfermagem’ e a ‘Evolução de Enfermagem’ (COFEN, 2024).

Ao aplicar o PE no paciente em cuidados paliativos, é importante entender que os cuidados paliativos (CP) na atenção domiciliar (AD) se diferenciam pela capacidade de promover qualidade de vida aos pacientes, contribuindo para a prevenção, promoção e tratamento de condições graves diretamente em seus lares (Molidor *et al.*, 2018). Esse modelo é uma resposta a uma demanda crescente por um atendimento que vai além das intervenções hospitalares, reconhecendo a casa do paciente como um local onde se podem oferecer cuidados especializados, principalmente para aqueles clientes com doenças avançadas e em estágio terminal (Heymann-Horan *et al.*, 2018). Esse processo é especialmente relevante no contexto do atendimento domiciliar, onde a enfermagem pode atuar de forma contínua e personalizada, complementando o cuidado hospitalar e garantindo a continuidade das redes de atenção à saúde (Prado *et al.*, 2022).

Entre as doenças que comumente requerem cuidados paliativos estão o câncer, a Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), a insuficiência cardíaca e a doença renal em fase terminal (Brasil, 2023). Tais enfermidades, em estágio avançado, trazem grande sofrimento ao paciente e sua família, exigindo um suporte cuidadoso que priorize o conforto e o alívio de sintomas. Nesses casos, o PE oferece uma base metodológica que orienta o enfermeiro a planejar e executar cuidados de forma estruturada e humanizada, respeitando as particularidades e necessidades de cada paciente (COFEN, 2024).

A atuação do enfermeiro em cuidados paliativos domiciliares destaca-se pela proximidade com o paciente, o que permite a construção de um vínculo de confiança e respeito (Prado *et al.*, 2022). Essa relação é essencial para compreender as complexidades do processo de adoecimento e as necessidades individuais dos pacientes, facilitando a implementação de um plano de cuidado que vai além dos aspectos físicos, incluindo também o apoio emocional e social (Molidor *et al.*, 2018).

O PE proporciona ao enfermeiro autonomia para aplicar seus conhecimentos técnico-científicos de maneira sistemática, documentando e avaliando continuamente suas práticas. Isso permite que o cuidado domiciliar em cuidados paliativos seja realizado com responsabilidade e qualidade, possibilitando ajustes conforme a evolução da condição do paciente e oferecendo um atendimento que visa sempre o bem-estar e a dignidade do indivíduo (COFEN, 2024).

O enfoque holístico na enfermagem de cuidados paliativos é fundamental, pois permite que o paciente seja tratado de maneira integral, considerando não apenas suas necessidades físicas, mas também seus aspectos mentais, emocionais e sociais (Arthur, 2021). Esse enfoque, segundo Lemos *et al.* (2010), fundamenta-se no conceito de “holos”, que significa “todo, inteiro, completo”. Assim, a enfermagem holística propõe um atendimento que vê o paciente como um ser integral, em constante interação com o ambiente e as condições ao seu redor.

A abordagem holística evita uma visão fragmentada do processo saúde-doença, permitindo que o enfermeiro compreenda o paciente como um ser em equilíbrio dinâmico (Lemos *et al.*, 2010). Isso é particularmente relevante em cuidados paliativos, onde o sofrimento não é apenas físico, mas envolve múltiplas dimensões que devem ser atendidas de forma integrada, oferecendo ao paciente um suporte completo em seu processo de adoecimento.

Assim, ao considerar a implementação do PE no AD, é importante lembrar que a primeira etapa do processo de enfermagem é a avaliação de enfermagem, na qual o enfermeiro realiza uma coleta minuciosa de dados sobre o estado de saúde do paciente, incluindo informações físicas, emocionais e sociais. Esse levantamento inicial é essencial para a identificação dos problemas de saúde, possibilitando ao enfermeiro construir uma visão abrangente das condições e das queixas do paciente e de sua família. Em cuidados paliativos, essa avaliação precisa ser sensível e detalhada, pois muitos dos sintomas que afetam a qualidade de vida, como a dor e a angústia, nem sempre são visíveis fisicamente (COFEN, 2024).

Nesse contexto, a equipe multidisciplinar desempenha um papel crucial na qualidade do atendimento. A interação entre diferentes profissionais da saúde contribui para um cuidado mais abrangente e alinhado com as necessidades do paciente. Ao colaborar, cada membro da equipe traz sua expertise para garantir que todas as dimensões do cuidado sejam abordadas, promovendo uma assistência verdadeiramente integral e humanizada (Brasil, 2023).

A colaboração entre enfermeiros e outros profissionais de saúde no cuidado domiciliar de pacientes em cuidados paliativos permite uma troca de conhecimento enriquecedora e necessária. Essa parceria facilita a construção de um plano de cuidado que envolve diversos aspectos da vida do paciente, desde o controle da dor até o apoio psicológico e social, possibilitando que as intervenções sejam mais eficazes e completas (Arthur, 2021; Lemos, 2010).

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) destaca que a enfermagem é uma “ciência, arte e prática social”, responsável pela promoção e restauração da saúde, prevenção de agravos e alívio do sofrimento. Esse princípio fundamenta a atuação dos enfermeiros em cuidados paliativos, pois os orienta a oferecer cuidados que abrangem a pessoa, a família e a coletividade, com autonomia e em colaboração com outros profissionais (COFEN, 2017).

O PE em cuidados paliativos domiciliares deve seguir um roteiro detalhado e cuidadoso, elaborado pelo enfermeiro junto à equipe multiprofissional, visando garantir que as intervenções sejam adequadas e estejam em consonância com as necessidades do paciente. Esse planejamento permite que o atendimento seja realizado com segurança e precisão, proporcionando ao paciente um ambiente acolhedor e propício ao alívio dos sintomas (COFEN, 2024).

A formulação do diagnóstico de enfermagem é a fase em que o enfermeiro analisa as informações coletadas e identifica os problemas e necessidades do paciente. Os diagnósticos de enfermagem refletem as respostas humanas ao processo de adoecimento e são formulados de forma a guiar o planejamento de cuidados adequados. Em pacientes em cuidados paliativos, por exemplo, diagnósticos como dor crônica, sofrimento emocional e risco de solidão podem ser identificados, servindo de base para as intervenções planejadas (COFEN, 2024).

Na etapa de planejamento, o enfermeiro estabelece os objetivos de cuidado e as intervenções de enfermagem necessárias para alcançar esses objetivos. Cada intervenção é pensada para minimizar os sintomas, melhorar o conforto e promover o bem-estar do paciente. No caso de cuidados paliativos, o planejamento é feito em conjunto com outros profissionais, garantindo que todas as ações estejam alinhadas com o plano terapêutico do paciente, respeitando suas preferências e valores. A Classificação dos Resultados de Enfermagem e das Intervenções de Enfermagem, conhecidas mundialmente pelas siglas NOC e NIC podem ser utilizadas nessa etapa de planejamento (COFEN, 2024).

A fase de implementação envolve a execução das intervenções planejadas, que podem incluir cuidados físicos, apoio emocional, orientações para a família e ações específicas para o alívio de sintomas. O enfermeiro, nesse momento, atua diretamente com o paciente, aplicando os cuidados necessários e ajustando as intervenções conforme a resposta do paciente. Em cuidados paliativos, essa fase exige sensibilidade e habilidade para lidar com questões complexas, como o manejo da dor e o suporte emocional (COFEN, 2024).

Por fim, a etapa de evolução de enfermagem consiste na análise dos resultados obtidos com as intervenções realizadas. O enfermeiro verifica se os objetivos foram atingidos e se o plano de cuidados necessita de ajustes. Em um cenário de cuidados paliativos, a evolução do quadro do paciente é constantemente monitorada, com intervenções adaptadas conforme a necessidade, garantindo que o cuidado seja dinâmico e sempre direcionado ao bem-estar do paciente (COFEN, 2024).

Em cuidados paliativos, o enfermeiro tem o desafio de atuar de forma a fortalecer, encorajar e apoiar tanto o paciente quanto seus familiares. O impacto emocional de uma doença incurável é profundo, desestabilizando não apenas o físico, mas também o emocional do paciente. A presença do enfermeiro como suporte emocional e técnico oferece uma fonte de conforto e resiliência aos envolvidos.

A assistência domiciliar em cuidados paliativos tem uma relevância crescente para a saúde pública, pois permite que os pacientes que não necessitam de cuidados hospitalares intensivos possam receber atendimento especializado em casa. Essa abordagem contribui para a liberação de leitos hospitalares e possibilita que pacientes em condições críticas e que demandam cuidados hospitalares específicos tenham acesso aos recursos necessários (Brasil, 2023).

Em resumo, a aplicação da SAE no cuidado domiciliar a pacientes em cuidados paliativos representa um avanço significativo no cuidado humanizado e integral, onde o enfermeiro atua como protagonista de um modelo de assistência que valoriza a vida em sua totalidade. A perspectiva holística e o trabalho colaborativo com uma equipe multidisciplinar proporcionam uma abordagem que não só atende às necessidades físicas, mas também traz conforto emocional e dignidade ao paciente e seus familiares, oferecendo uma assistência de qualidade e respeito no final da vida.

REFERÊNCIAS

ARTUR, L. F. *et al.* Uma abordagem holística ao paciente em cuidados paliativos: Revisão narrativa da literatura / A holistic approach to the patient in palliative care: A narrative review of the literature. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 20627–20637, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de cuidados paliativos**: Programa de Cuidados Paliativos no SUS – Atenção Hospitalar, Ambulatorial Especializada e Atenção Domiciliar, 2021 - 2023, do PROADI-SUS. 2a ed. São Paulo: Hospital Sírio-Libanês. 2023. Disponível em: <https://hospitais.proadi-sus.org.br/manual-cuidados-paliativos.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

COFEN. **Resolução COFEN nº 564, de 06 de dezembro de 2017**. Aprova o novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2017. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017/>. Acesso em: 25 out. 2022.

COFEN. **Resolução COFEN nº 736, de 17 de janeiro de 2024**. Dispõe sobre a implementação do Processo de Enfermagem em todo contexto socioambiental onde ocorre o cuidado de enfermagem. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2024. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2024/01/Resolucao-736-2024.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

HEYMANN-HORAN, A. V. *et al.* Effect of home-based specialised palliative care and dyadic psychological intervention on caregiver anxiety and depression: a randomised controlled trial. **British Journal of Cancer**, [S. l.], v.119: p.1307-1315, 2018.

LEMOS, R. C. A. L. *et al.* Visão dos enfermeiros sobre assistência holística ao cliente hospitalizado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 354-359, 2010.

MOLIDOR, S. *et al.* Palliative care and stroke. An integrative review of the literature. **Journal of Hospice & Palliative Nursing**, [S. l.], v.20, n.4: p.358–367, 2018.

PRADO, R. T. *et al.* Palliative care management by caregivers in home care: theoretical validation in a conversation circle. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S. l.], v. 75, n. 6, p. e20210737, 2022.

SPERANDIO, *et al.* Planejamento de assistência de enfermagem: proposta de um software-

protótipo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v.13, n.6, p. 937-943, 2005.

Índice Remissivo

A

acolhimento 15, 16, 19, 20, 21, 38, 43, 44, 56
anamnese 16, 33, 34
apoio emocional 17, 19, 21, 52, 66, 68
aromaterapia 16, 21, 29
artigos 14, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 27, 28
assistência de enfermagem 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 49, 69
assistência emocional 7, 8, 15, 21
autocuidado 7, 27, 29, 38, 39, 43, 44, 45, 47, 62

D

desconforto físico 16
dor crônica 7, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 68
dor física 26

E

enfermagem 7, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 62, 63, 66, 67, 68, 69
Enfermagem 8, 9, 14, 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 42, 45, 46, 49, 50, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 67, 68, 69, 70
enfermeiro 20, 22, 26, 27, 33, 34, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 56, 57, 64, 65, 66, 67, 68, 69
estomas 46, 47
estomaterapia 7, 46, 47, 48, 49
estresse emocional 16

G

gravidez 19, 20, 29

H

humanizado 14, 16, 17, 19, 21, 22, 48, 49, 69

I

intervenção psicológica 20
intervenções invasivas 16

L

lesões de pele 46
literatura científica 14, 17

M

mortalidade 17, 56

P

paciente 7, 16, 17, 25, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 48, 49,
50, 51, 52, 53, 56, 63, 66, 67, 68, 69

parturiente 14, 16, 17

pós-parto 17, 20

pré-natal 15, 18, 19, 20, 21, 22

pré-parto 7, 8, 15, 17, 18, 19, 21, 22

S

saúde mental 17, 20, 22, 26, 61

T

trabalho de parto 7, 8, 14, 16, 17, 21, 22

V

visão holística 46, 48, 49



contato@editoraomnisscientia.com.br 

https://editoraomnisscientia.com.br/ 

@editora_omnis_scientia 

https://www.facebook.com/omnis.scientia.9 

+55 87 99914-6495 



contato@editoraomnisscientia.com.br 

https://editoraomnisscientia.com.br/ 

@editora_omnis_scientia 

https://www.facebook.com/omnis.scientia.9 

+55 87 99914-6495 